

2º Ciclo

Mestrado em Medicina Legal

A experiência dos voluntários em contexto prisional em Portugal – estudo qualitativo

Mónica Salselas



Mónica Salselas. A experiência dos voluntários em contexto prisional em Portugal – estudo qualitativo



M.ICBAS 2021

A experiência dos voluntários em contexto prisional em Portugal – estudo qualitativo

Mónica Salselas



Mónica Filipa Carabineiro Salselas

***A experiência dos voluntários em contexto prisional em Portugal
– estudo qualitativo***

Dissertação de Candidatura ao grau de
Mestre em Medicina Legal, submetida ao Instituto
de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da
Universidade do Porto.

Orientadora – Doutora Mariana Pinto da Costa

Categoria – Professora Auxiliar convidada do
Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da
Universidade do Porto.

Afiliação – Instituto de Ciências Biomédicas Abel
Salazar da Universidade do Porto.

“Life can only be understood backwards; but it must be lived fowards”
Soren Kierkegaard (1813-1855)

Agradecimentos

À minha orientadora, Doutora Mariana Pinto da Costa, deixo o meu mais profundo obrigada. Aceitou percorrer este longo caminho comigo e, apesar da distância, sempre mostrou disponibilidade para me ajudar, preocupação e paciência para dar resposta a todas as dúvidas e questões que foram surgindo durante este percurso. Devo-lhe a apresentação deste trabalho em vários eventos nacionais e internacionais. O meu maior obrigada pela exigência, pela presença e por ter sido fundamental para o meu crescimento enquanto aluna.

À Professora Doutora Maria José Pinto da Costa, quero agradecer a atenção e disponibilidade que teve para comigo ao longo deste percurso e, pela oportunidade que me deu em poder apresentar este trabalho para outros colegas.

Ao Rúben Soares por me ter disponibilizado os seus documentos que me guiaram e auxiliaram ao longo deste processo.

À Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, através dos Estabelecimentos Prisionais do Porto e de Santa Cruz do Bispo Feminino, que foram extremamente acessíveis e interessados no desenvolvimento do tema deste trabalho, fornecendo-me toda a informação necessária para eu dar início ao trabalho.

Aos representantes das Associações de Voluntariado que aceitaram participar neste estudo, tendo fornecido os dados de forma célere, pela prontidão e disponibilidade que demonstraram desde o início.

Ao Doutor Paulo Neves da Cáritas Diocesana Portuguesa que me auxiliou no contacto com mais voluntários quando estes estavam em falta, pelo interesse demonstrado logo de início pelo tema e pelos convites para assistir aos eventos da Cáritas como forma de aumentar o conhecimento nesta área.

À Doutora Rita Lourenço da APROXIMAR, Cooperativa de Solidariedade Social, pela elevada disponibilidade e celeridade no envio de contactos para que fosse possível dar continuidade à elaboração do trabalho.

A todos os participantes deste estudo, quero deixar o meu mais sincero agradecimento pelo tempo disponibilizado para me receberem, pela partilha da informação e pelo superior interesse desde o início.

Um agradecimento muito especial à minha família pelo incondicional carinho, apoio, preocupação e compreensão, mesmo nos momentos menos positivos desta minha já longa caminhada e percurso académico.

Às minhas colegas Diana Moreira, Filipa Campinha e Mariana Moura quero agradecer pela disponibilidade para lerem e comentarem a versão final desta dissertação.

À Sara Reis quero agradecer todo o apoio, preocupação e interesse pela evolução do trabalho que sem a sua presença, teria sido um caminho muito mais difícil.

A todos, um muito obrigada!

Resumo

Portugal é um dos países que apresenta um enquadramento jurídico para o voluntariado, e existem várias associações que prestam apoio de voluntariado aos reclusos. No contexto prisional, o voluntariado pode ser útil para os reclusos de forma a combater o seu isolamento social e apoiá-los na aquisição de competências para os ajudar durante o seu tempo de reclusão, mas também apoiando-os na sua ressocialização e reintegração na comunidade. No entanto, pouco se sabe em Portugal sobre as experiências dos voluntários que exercem este tipo de apoio aos reclusos.

Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com o objetivo de explorar as experiências e motivações dos voluntários que interagem com os reclusos em contexto prisional, bem como o impacto do voluntariado em contexto prisional nas suas vidas. Foram abordadas associações de voluntariado em três das cidades principais de Portugal (Coimbra, Lisboa e Porto). As entrevistas foram áudio gravadas, transcritas e analisadas através do método de análise temática.

Trinta e nove voluntários concordaram em participar neste estudo (n=24 mulheres, n=15 homens), com nove meses a trinta anos de experiência como voluntários em contexto prisional. Os principais temas que surgiram da análise temática foram 'Diferentes motivações para voluntariar', 'Interações dos voluntários com os reclusos', 'Interações dos voluntários com os profissionais da prisão', 'O voluntariado nas prisões tem um impacto na vida dos voluntários', 'Perceção dos voluntários sobre ajudar os reclusos' e 'Mais apoio ao voluntariado nas prisões'.

Os voluntários que apoiam os reclusos podem desenvolver interações positivas e de confiança com os reclusos, apesar dos desafios que enfrentam. Estes resultados podem estimular a consciencialização acerca do voluntariado em contexto prisional como uma intervenção potencialmente útil, e incentivar mais investigação nesta área.

Palavras-chave: Estabelecimentos prisionais, Estigma social, Experiências, Portugal, Reclusos, Voluntariado, Voluntários, Estudo Qualitativo

Abstract

Portugal is one of the countries that has a legal framework for volunteering, and there are several associations that provide volunteering support to inmates. In the prison context, volunteering can be useful for inmates in order to combat their social isolation and support them in the acquisition of skills to help them during their time in prison, but also afterwards, supporting them in their resocialization and social reintegration into the community. However, little is known in Portugal about the experiences of volunteers who provide this type of support to inmates.

Individual semi-structured interviews were conducted to explore the experiences and motivations of volunteers who interact with inmates in the prison context and the impact of volunteering has in their lives. Volunteering associations in three of the main cities in Portugal (Coimbra, Lisbon, and Porto) were approached. The interviews were audio-recorded, transcribed, and analysed using the thematic analysis method.

Thirty-nine prison volunteers agreed to participate in this study (n=24 women, n=15 men), with nine months to thirty years of experience of volunteering. The main themes emerging from the analysis were 'Different motivations to volunteer', 'Volunteers' interactions with inmates', 'Volunteers' interactions with prison staff', 'Volunteering in prisons has an impact on volunteers', 'Volunteers' perception of helping inmates' and 'More support to volunteering in prisons'.

Volunteers who support inmates can develop positive and trusting interactions with the inmates, despite the challenges they face. These results can raise awareness to volunteering in prison settings as a potentially useful intervention, and encourage further research in this area.

Keywords: Experience, Inmates, Volunteering, Volunteers, Portugal, Prison establishments, Qualitative study, Social stigma

Lista de abreviaturas

ONG – Organizações não-governamentais

IAVE – *International Association for Volunteer Effort*

CEV – *Centre for European Volunteering*

CNVP – Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado

CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social

i.e. – *id est*

ONU – Organização das Nações Unidas

VOLPRIS – *Prison Managing Volunteers in Europe*

EUA – Estados Unidos da América

DGRSP – Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Índice	viii
Índice de Ilustrações	xi
Índice de Tabelas	xii
Introdução	1
O voluntariado em Portugal.....	1
<i>Evolução histórica do voluntariado.....</i>	<i>1</i>
O enquadramento do conceito de voluntariado.....	<i>4</i>
<i>Tipos de voluntariado</i>	<i>7</i>
O voluntariado na Europa.....	8
O voluntariado em contexto prisional na Europa	9
O voluntariado em contexto prisional em Portugal	11
Questão Científica	17
Métodos.....	18
Recrutamento e Participantes.....	18
Recolha de dados e Análise	19
Declaração ética.....	20
Resultados	21
Diferentes motivações para voluntariar	22
<i>Para ocupar o tempo</i>	<i>24</i>
<i>Fé religiosa.....</i>	<i>24</i>
<i>Necessidade de ajudar</i>	<i>24</i>
<i>Experiências anteriores de voluntariado</i>	<i>24</i>
<i>Recomendação de alguém</i>	<i>24</i>
<i>Oportunidade de voluntariar numa prisão surgiu.....</i>	<i>24</i>
Interação dos voluntários com os reclusos.....	25
<i>Interação positiva com os reclusos na prisão.....</i>	<i>27</i>
<i>Ganhar confiança com os reclusos.....</i>	<i>27</i>
<i>Melhorar a comunicação com os reclusos</i>	<i>27</i>

<i>Passar tempo fora da prisão durante saídas de curta duração</i>	<i>27</i>
Interação dos voluntários com os profissionais da prisão	27
<i>Guardas prisionais inicialmente desconfiados dos voluntários.....</i>	<i>29</i>
<i>Voluntários vistos como obstáculos pelos guardas prisionais</i>	<i>29</i>
<i>Interação dos voluntários com os guardas prisionais melhorou com o tempo sendo vista como cordial</i>	<i>29</i>
<i>O ambiente prisional era difícil.....</i>	<i>29</i>
<i>Os técnicos gestores de voluntariado são acessíveis com os voluntários.....</i>	<i>30</i>
O voluntariado em contexto prisional causa impacto nos voluntários.....	30
<i>Mudou as perspetivas dos voluntários</i>	<i>31</i>
<i>Forçou os voluntários a gerir as suas expectativas.....</i>	<i>31</i>
<i>Relativização dos problemas dos voluntários</i>	<i>31</i>
Perceção dos voluntários sobre ajudar os reclusos	31
<i>Aquisição de competências</i>	<i>33</i>
<i>Quebrar a rotina.....</i>	<i>33</i>
<i>Ponte entre os reclusos e as suas famílias</i>	<i>33</i>
<i>Vínculo social com o exterior</i>	<i>33</i>
Maior apoio ao voluntariado em contexto prisional	33
<i>Proporcionar formação e acesso a apoio aos voluntários</i>	<i>35</i>
<i>Seleção cuidadosa das pessoas que voluntariam nas prisões.....</i>	<i>35</i>
<i>Melhorar as condições na prisão para a realização de atividades de voluntariado ...</i>	<i>36</i>
<i>Melhorar a relação entre as associações de voluntariado e os estabelecimentos prisionais</i>	<i>36</i>
<i>Melhorar a imagem da população reclusa na sociedade e promover a sua reintegração</i>	<i>36</i>
Discussão.....	37
<i>Resultados principais do estudo.....</i>	<i>37</i>
<i>Pontos fortes e limitações</i>	<i>38</i>
<i>Comparação com a literatura</i>	<i>39</i>
<i>Implicações do estudo para a prática, políticas e investigação.....</i>	<i>40</i>

Anexos	44
Anexo 1 – Parecer da Comissão de Ética do CHUP/ICBAS.....	44
Apêndices	45
Apêndice 1 – Informação ao Participante	45
Apêndice 2 – Carta de apoio à divulgação do projeto.....	47
Apêndice 3 – Guião de entrevista semiestruturada (adaptado de Kort-Butler & Malone, 2014).....	48
Apêndice 4 – Questionário Sociodemográfico	49
Apêndice 5 – Consentimento Informado.....	50
Apêndice 6 – Tabela dos códigos no software Nvivo 12.....	51
Apêndice 7 – Lista de apresentações do estudo em eventos nacionais e internacionais	52
Apêndice 8 – COREQ (COnsolidated criteria for REporting Qualitative research) Checklist	53
.....	54
Apêndice 9 – CASP (Critical Appraisal Skills Programme) Checklist.....	55
Apêndice 10 – <i>Frontiers in Psychiatry – The Experience of Volunteers in Prisons in Portugal: A Qualitative Study</i>	61
Bibliografia	73

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Associações de Voluntariado que aceitaram participar no estudo	18
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Conceitos principais das quatro fases históricas de evolução do voluntariado .	4
Tabela 2 - Associações que se dedicam ao voluntariado em contexto prisional em Portugal	13
Tabela 3 - Temas e subtemas	22
Tabela 4 - Citações sobre as diferentes motivações para voluntariar	23
Tabela 5 - Citações sobre a interação dos voluntários com os reclusos	26
Tabela 6 - Citações sobre a interação dos voluntários com os profissionais da prisão	28
Tabela 7 - Citações sobre o impacto que o voluntariado em contexto prisional causa na vida dos voluntários	30
Tabela 8 - Citações sobre a perceção dos voluntários sobre ajudar os reclusos	32
Tabela 9 - Citações sobre o maior apoio ao voluntariado em contexto prisional	34

Introdução

O voluntariado em Portugal

Evolução histórica do voluntariado

i. O voluntariado na época pré-industrial

O voluntariado em Portugal tem sido feito desde os tempos pré-industriais. Tal consistia em cuidadores a prestar apoio a famílias que necessitavam de assistência ou motivados por crenças religiosas e espirituais que levavam as pessoas a fazerem o bem e a ajudarem os outros [1, 2]. Antes do aparecimento das ‘Santas Casas da Misericórdia’ no século XV, a ‘necessidade de ajuda’ da população portuguesa era efetuada através da prestação de apoio a abrigos, ou através do fornecimento de alimentos nas mercearias [1]. O voluntariado teve a sua primeira grande expansão com o surgimento das ‘Santas Casas da Misericórdia’ [3].

Deste modo, o voluntariado desde cedo que pertencia ao domínio da Igreja devido às ações de natureza social, solidária e humanista desempenhadas pela Igreja para com as pessoas carenciadas e sem posses ou forma de obter ajuda por conta própria [1].

ii. O voluntariado na época industrial

A época industrial, tal como o nome indica, fica marcada pelo surgimento da Revolução Industrial no século XIX. Devido a este acontecimento histórico, novas organizações (i.e., Bombeiros Voluntários, Sindicatos, Cooperativas) começaram a ter um lugar na sociedade portuguesa, cujo intuito se destinava a auxiliar na resolução de problemas sociais que fossem surgindo nas diferentes áreas coletivas [1].

Porém, considerando que a sociedade portuguesa se encontrava numa fase delicada e fortemente associada a setores como o setor laboral e o setor comercial, isso levou a que houvesse uma desvalorização do voluntariado [1, 4]. Todavia, devido à tensão política destacada pela Implementação da República, em 1910, o governo procurou executar medidas como a criação de sopas económicas e de cantinas escolares [1]. A tentativa de pacificação entre o governo e a Igreja, levou à mobilização de vários grupos de pessoas a manifestarem-se sobre temas como a assistência médica para as diferentes faixas etárias, movimentos feministas e educação para os mais desfavorecidos [1].

Devido à Revolução Industrial, no século XIX, surge o voluntariado de base associativa e sindical mas que acaba por ser desvalorizado pelo regime do Estado Novo [1, 5]. Apesar desta depreciação do voluntariado, o Estado Novo tentou que o voluntariado sindical fosse integrado nas associações que correspondessem às suas exigências e, apesar das adversidades, algumas atividades de voluntariado mantiveram-se, embora condicionadas [5]. Nesta fase, o voluntariado é praticamente apenas de natureza social [1].

Estes obstáculos colocados por parte do Estado Novo contribuíram para a alteração da relação que existia entre este e a própria sociedade, tendo este reprimido as atividades sociais que haviam sido exercidas até ao momento, executando um controlo sobre as mesmas [1, 5].

Este período ficou marcado não apenas pelo surgimento da Revolução Industrial, mas também pela repressão de que as associações foram alvo por parte do Estado Novo, levando a uma exclusão do voluntariado na sua forma liberal [1].

iii. O voluntariado e a constituição do Estado Social

Após a segunda Guerra Mundial, foram considerados um leque de direitos sociais que deram importância a serviços que são fundamentais para o bom funcionamento de uma sociedade, nomeadamente direito à saúde, direito à educação, direito ao emprego [1].

Desta forma, o voluntariado passa a ser visto como um complemento e com menor relevância à intervenção do estado, sendo por esse motivo remetido apenas para o auxílio familiar, auxílio de vizinhos e a ações comunitárias [1, 4]. Após a Revolução do 25 de Abril de 1974, foi possível assistir a uma atualização daquilo que era o voluntariado, tendo este passado a ser visto como uma maneira de exercício de cidadania, traduzido em relações solidárias e livres [5].

Surgem ainda as primeiras organizações não-governamentais (ONG) e, com o tempo, o estado começou a reconhecer a pertinência que a sua relação com a sociedade tinha [1].

iv. O voluntariado na época pós-industrial

O voluntariado sofreu uma mudança devido ao crescimento e reconhecimento do setor de empreendedorismo e à promoção da cidadania, tendo como consequência o

aumento das desigualdades sociais e o aumento da necessidade de apoio social [1].

Neste período, Amaro (2002) define o voluntariado como “um fenómeno socialmente necessário, tendo a sua razão de ser não apenas nas motivações, sacrifícios e disponibilidades exclusivamente individuais, como sucedia nos restantes períodos, mas também uma necessidade social que faz dele um fenómeno estrutural, uma das forças sociais das sociedades atuais” [4].

Dada a visibilidade que o voluntariado foi tendo, este acabou por ser inserido nos mecanismos utilizados para combater a pobreza, a exclusão social e o desemprego e, promover o envelhecimento ativo e a cidadania [1].

Para uma melhor compreensão da evolução do voluntariado em Portugal, os principais conceitos que foram sendo indicados ao longo das quatro etapas do voluntariado supra mencionadas são sintetizados na tabela 1.

Tabela 1 - Conceitos principais das quatro fases históricas de evolução do voluntariado

Voluntariado na época pré-industrial	Voluntariado na época Industrial	Voluntariado e a constituição do Estado Social	Voluntariado na época pós-industrial
Necessidade de ajudar já existia, motivada por crenças religiosas;	Revolução Industrial leva à emergência de necessidades sociais;	Reconhecimento de novos direitos fundamentais para a sociedade;	Tentativa de definir o voluntariado;
Igreja com um papel fundamental na diminuição das desigualdades sociais;	Criação de novas organizações para ajudar a combater as necessidades emergentes;	Voluntariado como um complemento à ação do estado e remetido para uma esfera mais informal;	Voluntariado passa a estar incluído no centro de questões sociais muito importantes;
Surgimento das 'Santas Casas da Misericórdia'.	A intervenção do estado leva ao controlo e condicionamentos nas atividades de cariz voluntário;	Reaparecimento do voluntariado e surgimento de organizações não-governamentais;	
	Desvalorização do voluntariado por parte do Estado Novo.	Reconhecimento da importância da relação entre o estado e a sociedade.	

O enquadramento do conceito de voluntariado

O voluntariado está definido no dicionário português como a “qualidade ou situação de voluntário; a classe dos voluntários” [6]. Contudo, a noção de voluntariado tem sofrido alterações na literatura. Estas alterações desempenharam um papel importante na evolução e relevância dada ao conceito de voluntariado.

Assim, importa fazer referência a algumas das definições que foram dando visibilidade ao termo. De acordo com o artigo 1º da Lei de Bases do enquadramento jurídico do voluntariado (Lei nº 7/98 de 3 de novembro), o voluntariado é definido como um “conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas” [7]. Esta definição é a que vigora atualmente e pela qual as associações se regem.

A *International Association for Volunteer Effort* (IAVE) (2001) define voluntariado como uma “decisão voluntária, apoiada em motivações e opções pessoais, baseada na participação ativa do cidadão na vida das comunidades que, por sua vez, contribui para a melhoria da qualidade de vida, realização pessoal e uma maior solidariedade, para dar resposta aos principais desafios da sociedade, com vista a um mundo mais justo e pacífico, para um desenvolvimento económico e social mais equilibrado e para a criação de empregos e novas profissões, e enquadrado numa ação, ou num movimento organizado, no âmbito de uma associação” [1, 8].

O voluntariado é também definido como “uma atividade livre, gratuita e desinteressada oferecida às pessoas, às organizações, à comunidade ou à sociedade” [9, 10]. Deste modo, é possível encontrar alguns pontos comuns quando as noções são comparadas entre si, nomeadamente, o facto de o voluntariado ser um ato social, realizado de forma livre, direcionado para a sociedade e não assalariado [11].

O *Centre for European Volunteering* (CEV) (2011) caracteriza o voluntariado como uma “atividade que ocorre em diferentes contextos, nos quais se incluem atividades de âmbito informal, como por exemplo a ajuda de vizinhos, e de âmbito formal, onde estão incluídas questões de seguros por acidente, saúde ou contra terceiros” [1, 12].

De acordo com o Decreto-Lei nº389/99, de 30 de setembro, o voluntariado é “uma atividade inerente ao exercício de cidadania que se traduz numa relação solidária para com o próximo, participando, de forma livre e organizada, na solução dos problemas que afetam a sociedade” [13]. Como tal, aquando da existência do Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado (CNVP), este teria como objetivo desenvolver ações de voluntariado, dar apoio às organizações promotoras de voluntariado e estimular ações de formação que melhorassem a qualidade do voluntariado [13]. Porém, esta entidade terminou em 2017, sendo posteriormente substituída pela Cooperativa António Sérgio para a Economia Social

(CASES) [14].

No entanto, o voluntariado não se resume apenas a um conceito. Este engloba princípios que estão consagrados na Lei de Bases do enquadramento jurídico (Lei nº 7/98, de 3 de novembro). Assim sendo, no artigo 6º da Lei nº 7/98, de 3 de novembro, está presente o princípio da solidariedade, o princípio da cooperação, o princípio da gratuidade, o princípio da complementaridade, o princípio da responsabilidade e o princípio da convergência [7].

Ao referir o conceito de voluntariado, é igualmente importante mencionar o conceito de voluntário. O termo voluntário está definido no dicionário português como sendo “a pessoa que se compromete a cumprir determinada tarefa ou função sem ser obrigada a isso” [6].

O voluntário foi também definido pelas Nações Unidas de uma forma muito ampla como sendo “o jovem ou adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social, ou outros campos de intervenção” [15].

O conceito de voluntário está igualmente presente no nº1 do artigo 3º da Lei nº7/98, de 3 de novembro e é delineado como “o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora” [7].

O voluntário tem uma série de direitos e deveres que lhes dizem respeito e que têm que ser tidos em consideração aquando do desempenho da sua função. Estes direitos e deveres estão consagrados nos artigos 7º e 8º, respetivamente, da Lei nº 7/98, de 3 de novembro [7]. Entre os direitos dos voluntários, está o acesso a programas de formação inicial e contínua com o objetivo de aperfeiçoar o seu trabalho voluntário, obter um seguro social voluntário, exercer o voluntariado de forma higiénica e segura, receber indemnizações em casos de acidente ou doença contraída no âmbito do exercício do voluntariado, entre outros [7]. No leque de deveres consagrados no enquadramento jurídico, está o dever de observar os princípios deontológicos (i.e., respeito pela vida privada) por que se rege a atividade que realiza, atuar de forma diligente, isenta e solidária; participar nos programas de formação que se destinam ao desenvolvimento do trabalho voluntário, colaborar com os profissionais da organização promotora, respeitando as opções e seguindo as orientações técnicas que lhe são dadas, entre outros [7].

Tipos de voluntariado

O voluntariado envolve duas tipologias: formal e informal [16, 17]. O voluntariado formal caracteriza-se pelas ações que são realizadas sob a alçada de organizações. O voluntariado informal está associado à vertente mais social, sendo feito de forma individual [17, 18]. Outra distinção feita face ao voluntariado formal e informal é que enquanto o primeiro é realizado no âmbito institucional, o segundo associa-se ao estabelecimento de relações sociais (i.e., auxílio a pessoas idosas e vizinhos) [19]. Ao voluntariado formal e informal, há quem adicione um terceiro tipo de voluntariado: de proximidade [1]. O voluntariado de proximidade caracteriza-se pelo auxílio e pela participação em atividades organizadas a nível local [1].

Outras distinções surgem no decurso da literatura. Rotolo (2003) coloca o voluntariado em três categorias: regular, ocasional e pontual [16, 20]. O voluntariado regular é aquele que é feito pelo menos uma vez por mês, durante pelo menos um ano, sendo por sua vez, realizado com alguma continuidade. O voluntariado ocasional é caracterizado pelo desenvolvimento de atividades de voluntariado inferior a um mês. O voluntariado pontual é realizado de uma forma esporádica, num período de um ano [16, 20].

Existe outra tipologia de voluntariado que envolve três grupos: o voluntariado de direção institucional, o voluntariado de assessoria e o voluntariado operacional [5]. Estes três tipos de voluntariado vão depender não apenas da natureza do voluntário, mas também da responsabilidade do mesmo [5].

Atualmente, o voluntariado pode ser feito em vários ambientes e direcionado para diferentes grupos, como voluntariado de rua, voluntariado hospitalar ou voluntariado para apoiar idosos [21].

Por conseguinte, o voluntariado pode ter lugar em diferentes áreas desde que cumpra com os requisitos apresentados no nº 3 do artigo 4º da Lei nº7/98, de 3 de novembro onde “a atividade tem de revestir interesse social e comunitário e pode ser desenvolvida nos domínios cívico, da ação social, da saúde, da educação, da ciência e cultura, da defesa do património e do ambiente, da defesa do consumidor, da cooperação para o desenvolvimento, do emprego, da formação profissional, da reinserção social, da proteção civil, do desenvolvimento da vida associativa e da economia social, da promoção do voluntariado e da solidariedade social, ou em outros de natureza análoga” [7].

Voluntariar é uma atividade que pode trazer benefícios das mais variadas formas, seja numa vertente mais pessoal e altruísta (i.e., descobrir o propósito da vida, ajuda ganhar confiança e autoestima), seja numa vertente mais social, dada as relações que vão sendo estabelecidas e a comunicação que vai sendo desenvolvida, combatendo o isolamento social e a solidão [22-25]. O voluntariado é também uma forma de testar limites, sair da zona de conforto o que pode levar a uma abertura de novos horizontes, obter novas perspetivas e novas oportunidades [26].

Por esse motivo, exercer voluntariado pode resultar num crescimento a diferentes níveis, nomeadamente a nível pessoal e a nível interpessoal, podendo assim promover o compromisso social e o aumento da esperança numa sociedade melhor [27].

A Organização das Nações Unidas (ONU) dá ênfase à importância que o voluntariado tem na sociedade devido ao “papel essencial no reforço da coesão social e económica, gerando capital social, promovendo a cidadania ativa, a solidariedade e uma forma de cultura que põe as pessoas em primeiro lugar” [1].

O voluntariado na Europa

Portugal é um dos países que detém legislação específica para o voluntariado. O regime jurídico do voluntariado (Lei nº 71/98, de 3 de novembro) contém os principais direitos, deveres e princípios da instituição que o voluntário deve seguir [7].

No entanto, face à implementação da legislação sobre o voluntariado, existem algumas diferenças entre os diferentes países. Portugal pertence ao grupo de países que têm legislação específica sobre o voluntariado, assim como a Bélgica, Espanha¹, Itália², Polónia e Roménia. Todavia, existem países onde o voluntariado é regulado através de normas gerais como é o caso da Alemanha, Áustria, Dinamarca³ e Irlanda [1].

Portugal, comparado com os restantes países da Europa, foi um dos países que apresentou taxas mais baixas de voluntariado formal, com uma taxa de 16%, segundo o

¹ Lei nº 6/1996, de 15 de janeiro – Lei do trabalho voluntário.

² Lei nº 266/1991, de 11 de agosto

³ Apesar de não ter uma lei específica de voluntariado, existem algumas regras que determinam alguns requisitos para que as pessoas se possam candidatar a organizações com fundos públicos. Para além disso, a Constituição da Dinamarca consagra o direito de Associação e o Pacto para o Serviço Social. Num dos documentos do Ministério dos Assuntos Sociais da Dinamarca, pertencente ao ano de 2001, consta uma definição de voluntariado.

European Values Study de 1999 [21, 28]. Alguns dos fatores que foram apontados como possíveis causas para esse decréscimo, passam desde logo pela existência de uma democracia tardia, abstenção eleitoral, baixa exposição aos *media* por parte dos portugueses, baixos níveis de escolaridade, horários laborais muito longos, entre outros [21].

Este decréscimo foi notório à medida que o tempo foi passando, sendo visível nos dados obtidos pelo *European Values Study* realizado em 2008, onde a taxa de voluntariado foi de 14% [29, 30].

Segundo o Inquérito ao Trabalho Voluntário conduzido no ano de 2012, a taxa de voluntariado em Portugal era de 11,5% [31]. No que diz respeito ao voluntariado formal, este caracteriza-se por uma maior presença de pessoas mais jovens, maioritariamente do sexo feminino, solteiros, sem emprego e com níveis de escolaridade elevados [31]. Por outro lado, no voluntariado informal predominam indivíduos de maior idade, maioritariamente do sexo feminino, divorciados ou separados, desempregados e com níveis de escolaridade elevados [31].

Em 2018, foi elaborado um novo Inquérito ao Trabalho Voluntário, onde Portugal manteve o decréscimo dos valores, apresentado uma taxa de voluntariado de 7,8% [32]. Referente ao voluntariado formal, os dados sociodemográficos mantêm-se com uma prevalência de indivíduos jovens, maioritariamente do sexo feminino, solteiros, sem emprego e com níveis de escolaridade elevados [32]. O mesmo se verifica no voluntariado informal, onde estão presentes maioritariamente indivíduos com mais idade, do sexo feminino, divorciados ou separados, desempregados e com níveis de escolaridade elevados [32].

De acordo com o *European Values Study* de 2021, no que diz respeito ao voluntariado na Europa, Portugal continua a apresentar baixas taxas de voluntariado formal (8%) quando comparado com os trinta e quatro países da Europa envolvidos no estudo, ocupando assim a terceira pior posição, sendo o primeiro lugar ocupado pela Sérvia [33].

O voluntariado em contexto prisional na Europa

A oportunidade de voluntariar no contexto prisional permite combater os estereótipos da sociedade face à população reclusa [34]. A literatura existente tem apontado que o facto de os voluntários não fazerem parte do sistema de justiça criminal,

leva a que os reclusos tenham mais iniciativa de interagir e comunicar com os voluntários [34].

A realidade do voluntariado em contexto prisional foi explorada na Europa no projeto VOLPRIS (*Prison Managing Volunteers in Europe*) em cinco países: Alemanha, Bélgica, Polónia, Portugal e Roménia. O objetivo do projeto VOLPRIS é investir na gestão do voluntariado em contexto prisional, de forma a reduzir as taxas de reincidência dos reclusos, e causar um impacto positivo nos voluntários [35]. Este estudo, realizado em setenta e nove prisões destes cinco países obteve dados sobre o voluntariado em contexto prisional: a importância dos projetos de voluntariado, a importância do papel dos voluntários no bem-estar dos reclusos, a necessidade de formação específica e adequada e a interação entre os voluntários e os profissionais [35]. Algumas recomendações foram feitas na sequência deste estudo, tais como: i) promover mais investigação nesta área para explorar a diversidade de projetos de voluntariado em contexto prisional e o impacto que estes têm na reinserção social, ii) melhorar as condições para a realização de atividades de voluntariado em estabelecimentos prisionais e, iii) fornecer mais informações sobre oportunidades de voluntariado nas instalações prisionais [35].

Os voluntários têm um papel importante na atitude e comportamento dos reclusos, não só durante a sua reclusão, mas também no processo de reinserção na sociedade [36]. Estudos realizados em Hong Kong [36], e na Holanda [37] mostraram que o voluntariado em contexto prisional traz benefícios não só para os voluntários, mas também para os próprios reclusos [36, 37]. Um estudo realizado nos Estados Unidos da América (EUA) destacou que embora os voluntários tivessem atitudes positivas em relação aos reclusos e aos guardas prisionais o início dessas interações era marcado por alguma desconfiança [38]. Em contraste, de acordo com um estudo realizado na Noruega [39] os reclusos apresentaram atitudes positivas em relação aos guardas prisionais e aos estudantes universitários. Entre os estudantes, aqueles que estudavam na área de economia empresarial percecionaram os reclusos de uma forma mais negativa do que os estudantes da área da saúde [39]. Este resultado é semelhante aos resultados obtidos num estudo efetuado na Austrália [40] onde os estudantes de medicina reconheceram os desafios e vantagens de trabalhar num estabelecimento prisional como médicos, nomeadamente a rejeição de estereótipos. Estudos realizados em Hong Kong [36], na Holanda [37], no Canadá [41] e nos EUA [38] destacaram que o que levou os voluntários a envolverem-se no voluntariado em contexto prisional contribuiu para a forma como desempenham o seu papel de voluntários. Também foi destacada a importância das visitas feitas pelos voluntários, proporcionando aos reclusos oportunidades de conversas diversas, afastando-

os do seu ambiente prisional habitual [37].

A Cruz Vermelha Irlandesa, em 2008, criou um projeto cujos beneficiários foram os reclusos, os profissionais que trabalham no estabelecimento prisional e as famílias dos reclusos [42]. Este programa foi realizado com a ajuda dos voluntários, tendo como objetivo o aumento da consciencialização sobre a importância da saúde e da higiene na comunidade e da importância dos primeiros socorros na população reclusa [42]. Este programa contribuiu para um desenvolvimento positivo do ambiente prisional envolvente e num aumento do ênfase dado à importância da higiene pessoal dos próprios reclusos [42].

Na Holanda, foi criado um programa com o objetivo de tentar diminuir os danos adicionais resultantes do cumprimento de pena em estabelecimentos prisionais estrangeiros [43]. Para além disso, tinha como objetivo preparar os reclusos, com o auxílio dos voluntários, para o seu regresso à sociedade [43].

O voluntariado em contexto prisional em Portugal

O voluntariado em contexto prisional é definido pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) como uma “atividade organizada, sustentada num programa de gestão do voluntariado, adequadamente acompanhada por entidades promotoras de voluntariado, que coordenam o exercício da atividade do voluntário, consubstanciando-se através de projetos de voluntariado, de forma a permitir um profícuo interface entre o saber e a vontade de colaborar, contribuindo para melhorar a qualidade de vida de quem está privado de liberdade” [44].

Para o envolvimento no voluntariado em contexto prisional, é necessário passar por um processo de seleção. Este processo envolve duas fases: (i) uma seleção inicial pela organização promotora de voluntariado pertencente à área de residência do indivíduo (i.e., uma entrevista inicial com o objetivo de identificar as motivações, expectativas e características psicológicas da pessoa que se candidata à função de voluntário) recebendo, posteriormente uma formação direcionada para o voluntariado generalizado e (ii) a seleção final do voluntário pela organização recetora (i.e., uma entrevista realizada no estabelecimento prisional pelo técnico gestor de voluntariado e verificação do perfil do voluntário) [27]. Os voluntários selecionados serão alvo de uma nova formação, desta vez, direcionada para o voluntariado em contexto prisional [45].

Porém, os indivíduos que se candidatam à posição de voluntário precisam de se enquadrar num determinado perfil. Para tal, determinadas características são tidas em consideração, sendo um fator determinante para ingressar no voluntariado em contexto prisional [27].

Essas características passam, desde logo, pela disponibilidade para estar ao serviço de terceiros, saber fazer a distinção entre aquilo que é da própria competência daquilo que não é, predisposição para uma aprendizagem permanente tendo em conta o meio em que está inserido (i.e., situações de imprevisibilidade), capacidade de não fazer julgamentos, capacidade de ouvir, entre outras [27]. Por este motivo, os voluntários em contexto prisional, tendem a ser indivíduos reformados ou já com alguma experiência de vida e maturidade [45].

Para auxiliar no processo de seleção, supra mencionado, existem várias organizações em Portugal promotoras de voluntariado que, segundo o artigo 4º da Lei nº7/98, de 3 de novembro, se designam como “entidades públicas da administração central, regional ou local ou outras pessoas coletivas de direito público ou privado, legalmente constituídas, que reúnam condições para integrar voluntários e coordenar o exercício da sua atividade” [7].

Através das organizações promotoras de voluntariado e, com a aprovação dos serviços centrais da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, é possível desenvolver programas e atividades de voluntariado. Estas iniciativas de voluntariado são uma forma de incentivar os reclusos a adquirirem competências em diferentes áreas [27]. As áreas alvo são maioritariamente, a área pessoal (i.e., estratégias para ajudar a lidar com o sentimento de revolta, frustração), área social (i.e., ferramentas úteis para o processo de ressocialização e reintegração na comunidade) e área profissional, que podem vir a ser úteis para situações futuras [27, 44].

Neste âmbito, existem algumas associações de voluntariado que dão apoio aos reclusos e se dedicam ao voluntariado em contexto prisional (**Tabela 2**). Contudo, algumas destas associações também se dedicam ao voluntariado com outras populações.

Tabela 2 - Associações que se dedicam ao voluntariado em contexto prisional em Portugal

<u>Associação</u>	<u>Objetivo</u>
APAC (Associação de Proteção e Apoio ao Condenado)	Fornecer as ferramentas e os estímulos necessários para a reinserção quer das pessoas que já tenham estado em reclusão, quer para os indivíduos que ainda estão a cumprir pena [46].
APAR (Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso)	Prestar apoio aos reclusos portugueses e aos reclusos portugueses que estejam a cumprir pena nos estabelecimentos prisionais estrangeiros [47].
Associação Dar a Mão	Levar esperança e oportunidade de construir uma vida sem criminalidade no seu regresso à comunidade, tentando assim combater as taxas de reincidência criminal [48].
Associação de Visitadores de Reclusos – “Foste Visitar-me”	Prestar apoio aos reclusos sem existência de julgamentos nem recriminações. Ser capaz de estabelecer relações de proximidade e confiança com os reclusos e ajudar a dar-lhes um sentido para o tempo de reclusão [49].
Aproximar Cooperativa de Solidariedade Social, CRL	Desenvolvimento de competências, promover a igualdade de oportunidades e serviços de excelência [50]. Para além disso, esta associação tem um protocolo com a DGRSP cujo objetivo é implementar ações que incidem sobre a reabilitação do comportamento criminal, da reinserção e da responsabilidade social e, por fim, da prevenção da reincidência criminal [51].
Cáritas Diocesana Portuguesa	Implementação de ações capazes de contribuir para a inclusão de indivíduos que se encontrem na situação de reclusão e na

	situação de ex-reclusão, no envolvimento de projetos [52]. Para além disso, outro dos objetivos da Cáritas é defender e promover a dignidade e autonomia de pessoas em situações de maior vulnerabilidade social [53].
Confiar – Associação de Reinserção Social	Promover a prevenção de comportamentos de risco e da criminalidade, potenciar a inclusão e a reinserção social de jovens e pessoas reclusas e suas famílias [54].
Cruz Vermelha Portuguesa	Desenvolvimento de projetos e visitas solidárias com o objetivo de promover a integração social do recluso uma vez em liberdade [55].
Grupo Católico Mateus 25	Auxílio aos reclusos e ao seu processo de reinserção social [56].
Liga Portuguesa de Fundação Contra a Sida	Desenvolvimento de projetos com o objetivo de levar maior número de informação possível às reclusas [57].
Missionárias Dominicanas do Rosário	Apoio no processo de reinserção, através de projetos e atividades que promovam uma melhoria tanto nas condições de vida, como no desenvolvimento da comunidade local [58].
O.V.A.R (Obra Vicentina de Auxílio aos Reclusos)	Vocacionada para as visitas solidárias, prestando apoio aos reclusos e às famílias dos mesmos com o intuito de ajudar no processo de integração na sociedade, libertando os reclusos do estigma da prisão [59].
Patriarcado de Lisboa	Associado à Cáritas Portuguesa, tem como objetivo a promoção social, o desenvolvimento solidário, a transformação social nos domínios das relações sociais, dos valores e do ambiente [60].

Câmara Municipal de Matosinhos através do Projeto VEM	Incentivar práticas de voluntariado com vista à sensibilização de pessoas, recorrendo a parcerias com as instituições locais [61].
SAPANA	Despertar a consciência para que cada pessoa seja digna, capacitando indivíduo a indivíduo para que este seja a sua melhor versão [62].

O voluntariado em contexto prisional não é a primeira opção de voluntariado [1, 16, 21, 29], nem é muito comum, e há pouco conhecimento sobre o mesmo em Portugal [35, 63]. As pessoas na população geral tendem a ficar surpreendidas ao terem conhecimento da possibilidade de serem voluntárias num estabelecimento prisional, o que pode ser alvo de algum estigma [64]. Assim, o voluntariado em contexto prisional é uma realidade importante no que toca à quebra de estereótipos. A sociedade coloca rótulos nas pessoas por vários motivos e os reclusos são comumente percecionados como “criminosos” e estigmatizados por isso, mesmo depois de cumprida a pena [41, 64]. Por causa desta estigmatização, após a sua libertação, ex-reclusos enfrentam dificuldades no exercício de determinados direitos que qualquer cidadão tem. Desde direitos parentais, a oportunidades de trabalho ou estabelecimento de relações sociais que são colocados em causa e contribuem para o isolamento do ex-recluso na sociedade impedindo, por sua vez, a sua reintegração e ressocialização na sociedade [64].

Após o cumprimento da pena, a aquisição de competências e conhecimentos que foram adquirindo ao longo da reclusão, acabam por contribuir para a ressocialização [65]. Porém, também cabe à sociedade reintegrar o indivíduo de forma a que este não seja estigmatizado, dando-lhe as mesmas oportunidades que dá a outro cidadão [65, 66].

Para além disso, o voluntariado em contexto prisional pode ser benéfico não só para os reclusos, mas também para os próprios voluntários. Através deste voluntariado, é possível que os voluntários tenham contacto com os reclusos, adquirindo também competências através desta interação, do ponto de vista da comunicação, aceitação do outro, sem julgamentos ou preconceitos. Estas competências poderão ser traduzidas para o seu dia-a-dia permitindo aos voluntários demonstrar e transmitir confiança em situações de maior stress. Por outro lado, com as visitas feitas pelos voluntários, os reclusos acabam por ter um momento onde podem falar abertamente com alguém. Esta oportunidade de conversar com os voluntários, acaba por contribuir para uma melhoria do ambiente

prisional envolvente, e inclusive das relações com os guardas prisionais [37, 41].

De acordo com o Relatório Anual de 2019 sobre Atividades de Voluntariado da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, verificou-se um aumento das visitas solidárias, com 8190 reclusos a receberem visitas de voluntários e 1968 pessoas a prestar apoio como voluntários [63]. No entanto, entre 2015 e 2019, o voluntariado em contexto prisional tem diminuído em diferentes áreas de intervenção, nomeadamente no apoio a atividades educativas ou formativas, desenvolvimento de atividades culturais e artísticas, promoção do desporto e de uma vida saudável [16, 63].

Desde Março de 2020, devido à pandemia do COVID-19, as atividades de voluntariado em contexto prisional foram suspensas, bem como as visitas feitas pelos familiares [67]. No entanto, no âmbito do apoio voluntário no contexto prisional, a área de 'Oferta de Bens' verificou um aumento durante a pandemia. Possivelmente, ocorreu devido à suspensão das visitas dos familiares, uma vez que, normalmente, era através dos familiares que os reclusos recebiam roupas e outros bens essenciais [67].

Questão Científica

Pelo exposto, a pergunta que emerge e sobre a qual este trabalho procura dar resposta é:

Quais são as motivações e as experiências dos voluntários que interagem com os reclusos, em contexto prisional?

A falta de informação sobre a experiência dos voluntários no meio prisional em Portugal, incentivou a elaboração deste estudo. Para além disso, pouco se sabe sobre o motivo que leva os voluntários a quererem envolverem-se no contexto prisional, bem como a interação que estes vão criando com os reclusos e com os profissionais das prisões.

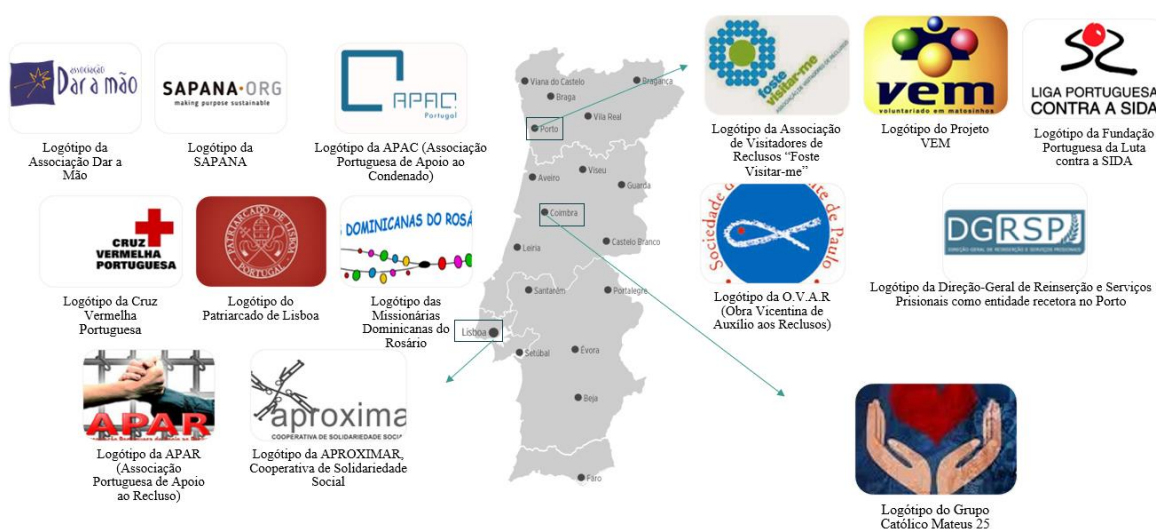
Este estudo pretendeu promover um melhor conhecimento sobre esta área do voluntariado, a reintegração dos reclusos na sociedade, mesmo depois de cumprida a pena e a diminuição da estigmatização social que esta franja da sociedade enfrenta.

Métodos

Recrutamento e Participantes

Para a realização deste estudo, vinte e uma organizações promotoras de voluntariado foram contactadas das quais catorze aceitaram participar. As associações de voluntariado estão localizadas nas cidades de Coimbra (n=1), Lisboa (n=8) e Porto (n=5), tendo sido selecionadas devido a promoverem voluntariado em contexto prisional (**Ilustração 1**).

Ilustração 1 - Associações de Voluntariado que aceitaram participar no estudo



Os representantes das associações de voluntariado foram contactos pela autora, tendo sido fornecida informação sobre a mesma, o objetivo deste estudo, uma breve descrição dos métodos utilizados e detalhes de contacto para o esclarecimento de questões futuras. Foi enviado, via e-mail, o documento de informação ao participante (**ver apêndice 1**) com informações adicionais sobre o estudo para os representantes das respetivas associações de voluntariado, bem como uma carta para a divulgação do projeto aos voluntários das associações (**ver apêndice 2**). De referir que até ao momento das entrevistas, a autora não conhecia nenhum dos participantes.

O único critério de inclusão foi a participação dos voluntários em iniciativas (atividades ou programas) em contexto prisional.

Recolha de dados e Análise

Para a recolha de informação, o guião de entrevista semiestruturada de *Kort-Butler & Malone, 2014* [38] foi traduzido para português, adaptado e utilizado para auxiliar as entrevistas **(ver apêndice 3)**. A autora conduziu as entrevistas individuais semiestruturadas com o intuito de explorar as motivações que levaram os participantes a fazer voluntariado em contexto prisional, as interações que os voluntários estabeleceram com os reclusos e com os profissionais, e o impacto que o voluntariado em contexto prisional causou nos voluntários e nos reclusos. Foram ainda recolhidas informações sociodemográficas dos participantes **(ver apêndice 4)**.

Devido à pandemia do COVID-19, as entrevistas foram planeadas inicialmente para serem efetuadas através do formato online ou pessoalmente, quando possível. As entrevistas foram efetuadas pela autora (i.e. uma licenciada em Criminologia) e ocorreram num local calmo escolhido pelos participantes. Antes de dar início à condução das entrevistas, foram explicados os objetivos do estudo, a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem que daí resultasse qualquer tipo de penalização, e a resposta a qualquer questão que os participantes apresentassem. Posteriormente, foi obtido o consentimento dos participantes **(ver apêndice 5)**.

Todas as entrevistas foram áudio gravadas utilizando o sistema de gravação da plataforma digital onde a entrevista iria ser realizada, assim como o gravador de voz do computador para as entrevistas que foram realizadas através de chamada telefónica e WhatsApp e depois, transcritas em relato *verbatim* pela autora, para um documento em formato *Microsoft Word*. Todos os documentos produzidos foram armazenados num dispositivo de armazenamento externo sem ligação à internet, e num local diferente dos consentimentos informados assinados. Os nomes dos voluntários foram eliminados e substituídos por números como forma de proteger a privacidade dos mesmos. A análise dos transcritos foi realizada através da análise temática elaborada por *Braun & Clarke* [68], recorrendo ao software QSR International Nvivo 12, Versão 12.6. A escolha deste método de análise, em detrimento dos outros métodos disponíveis, deve-se à maior flexibilidade que este apresenta dada a sua independência de perspetivas teóricas que possam existir. Por outro lado, a análise temática revelou ser o método mais apropriado, dado a autora estar a começar a adquirir experiência em estudos qualitativos com este trabalho. A análise temática mostrou ser um método adequado e acessível, permitindo efetuar a análise dos dados sem a necessidade de aprofundar perspetivas teóricas.

Os códigos obtidos inicialmente foram revistos com o objetivo de eliminar qualquer redundância que tivesse existido entre códigos. Sempre que necessário, os códigos redundantes eram colocados num novo código e renomeados. Posteriormente, os códigos foram agrupados em categorias mais abrangentes, onde códigos semelhantes foram colocados na mesma categoria **(ver apêndice 6)**.

Os temas foram obtidos em concordância com a pergunta científica. Todos os temas foram revistos e organizados novamente como forma de garantir a coerência dos códigos, e que os temas obtidos fossem diferentes entre si. Posteriormente, procedeu-se à nomeação dos temas. Para garantir a consistência do trabalho, procedeu-se à codificação dupla com verificação cruzada entre codificadores, neste caso entre a autora e a sua orientadora (i.e. uma médica psiquiatra).

Declaração ética

Este estudo foi realizado com o parecer favorável da Comissão de Ética **(ver anexo 1)** do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, pertencente à Universidade do Porto.

Todos os participantes receberam informação sobre os objetivos do estudo e do método de pesquisa, verbalmente e através do documento de informação ao participante, onde constava o contacto da autora **(ver apêndice 1)**.

Todos os participantes foram informados sobre o seu direito de abandonar o estudo, sem que daí resultasse qualquer tipo de penalização.

O consentimento informado **(ver apêndice 5)** do participante foi sempre obtido por escrito e previamente à entrevista. Este documento foi sempre adquirido em duplicado (i.e., uma via para o investigador, outra para a pessoa que consentiu).

Resultados

Quarenta e oito voluntários expressaram inicialmente interesse em participar no estudo às associações de voluntariado que com eles diretamente partilharam a oportunidade de participarem neste projeto. Estes, subsequentemente, foram contactados pela autora via e-mail. Destes, um mudou de ideias e recusou participar e oito não responderam ao e-mail; os restantes trinta e nove aceitaram participar nesta investigação. Os voluntários entrevistados (de Coimbra, Lisboa e Porto) consistiam em vinte e quatro do género feminino e quinze do género masculino, com idades compreendidas entre os 26 e os 76 anos. O tempo de experiência no voluntariado em contexto prisional variou maioritariamente entre os 6 e os 10 anos. Nenhum dos voluntários mencionou qualquer tipo de cumprimento de pena ao longo das suas vidas.

As entrevistas tiveram a duração de 17 minutos a 1 hora e 46 minutos (com uma média de 52 minutos de duração), tendo sido realizadas entre os meses de Março e Julho de 2021. Apenas três entrevistas foram conduzidas pessoalmente num local calmo, as restantes trinta e seis foram efetuadas no formato digital: Zoom (n=23), Chamada telefónica (n=7), WhatsApp (n=4), Microsoft Teams (n=1) e Google Meet (n=1).

O ponto de saturação foi atingido ao fim das 39 entrevistas, uma vez que a informação obtida na última entrevista já não incluía dados novos.

Através do processo de análise temática, foram criados seis temas (**tabela 3**).

Tabela 3 - Temas e subtemas

<i>Diferentes motivações para voluntariar</i>	<i>Interação dos voluntários com os reclusos</i>	<i>Interação dos voluntários com os profissionais da prisão</i>	<i>Voluntariado em contexto prisional causa impacto nos voluntários</i>	<i>Percepção dos voluntários sobre ajudar os reclusos</i>	<i>Maior apoio ao voluntariado em contexto prisional</i>
Para ocupar o tempo	Interação positiva com os reclusos na prisão	Guardas prisionais inicialmente desconfiados dos voluntários	Mudou as perspetivas dos voluntários	Aquisição de competências	Proporcionar formação e acesso a apoio aos voluntários
Fé religiosa				Quebrar a rotina	
Necessidade de ajudar	Ganhar confiança com os reclusos	Voluntários vistos como obstáculos	Forçou os voluntários a gerir as suas expectativas	Ponte entre os reclusos e as famílias	Seleção cuidadosa das pessoas que voluntariam nas prisões
Experiências anteriores de voluntariado	Melhorar a comunicação com os reclusos	pelos guardas prisionais	Relativização dos problemas dos voluntários	Vínculo social com o exterior	Melhorar as condições na prisão para a realização de atividades de voluntariado
Recomendação de alguém	Passar tempo fora da prisão durante as saídas de curta duração	Interação dos voluntários com os guardas prisionais melhorou com o tempo sendo vista como cordial			Melhorar a relação entre as associações de voluntariado e os estabelecimentos prisionais
Oportunidade de voluntariar numa prisão surgiu		O ambiente prisional era difícil			Melhorar a imagem da população reclusa na sociedade e promover a sua reintegração
		Os técnicos gestores de voluntariado são acessíveis com os voluntários			

Diferentes motivações para voluntariar

Os voluntários descreveram diferentes razões para se envolverem no voluntariado em contexto prisional (**ver tabela 4**). A maioria dos voluntários tinha experiências anteriores com outros tipos de voluntariado, embora alguns voluntários, para ocupar o seu tempo livre optaram por começar o voluntariado em contexto prisional. As motivações foram desde a fé religiosa, a necessidade de ajudar os outros, uma recomendação feita por alguém ou a oportunidade de voluntariar num estabelecimento prisional, encarando-a como uma forma

de sair da zona de conforto.

Tabela 4 - Citações sobre as diferentes motivações para voluntariar

<i>Diferentes motivações para voluntariar</i>	
Para ocupar o tempo	<i>"Reformei-me e tinha alguma disponibilidade. Como tinha tempo livre, acabei por ir a uma reunião inicial [...]" (Voluntário 39)</i>
	<i>"[...] foi assim que comecei. Um pouco para ajudar, para ocupar o meu tempo em prol de algo maior" (Voluntária 10)</i>
Fé religiosa	<i>"O voluntariado em contexto prisional é uma consequência da minha fé católica" (Voluntário 16)</i>
	<i>"[...] foi um pouco também por causa da minha religião porque eu tenho formação cristã [...]" (Voluntária 10)</i>
	<i>"Nós somos uma associação católica, ligada aos jesuítas, mas não vamos para lá pregar. Nós falamos de religião se eles falarem, se não falarem não falamos." (Voluntária 07)</i>
Necessidade de ajudar	<i>"Sempre tive esta necessidade de querer ajudar outras pessoas" (Voluntária 37)</i>
	<i>"Senti a necessidade de ter um compromisso complementar com a sociedade" (Voluntário 06)</i>
	<i>"Pensar que poderia ajudar de alguma forma, isto é, que poderia dar um melhor contributo para dar às pessoas que estavam a passar por um momento de sofrimento" (Voluntária 02)</i>
Experiências anteriores de voluntariado	<i>"O voluntariado já [o] tinha começado mais cedo, mas noutra tipo de projetos" (Voluntária 15)</i>
	<i>"O voluntariado sempre esteve comigo, e sempre voluntariei depois ao longo da minha vida" (Voluntária 31)</i>
	<i>"O mundo das prisões sempre esteve presente na minha vida – a começar pelo meu pai que foi médico na prisão durante muitos anos e que contava histórias incríveis de casos de reclusos e depois o voluntariado que fiz quando tinha 18 anos, o que também me marcou muito." (Voluntária 01)</i>
Recomendação de alguém	<i>"É engraçado porque foi uma amiga que veio ter comigo e disse – olha, acho que tenho uma proposta de que vais gostar – [...] e como tinha um horário de trabalho flexível, decidi tentar." (Voluntária 17)</i>
	<i>"Foi por sugestão de um amigo meu" (Voluntário 08)</i>
	<i>"[...] Depois de me formar, fui trabalhar para o escritório de um advogado que era o líder de um grupo de visitantes no estabelecimento prisional de Lisboa e ele</i>

	<i>convidou-me para participar naquele grupo." (Voluntário 29)</i>
Oportunidade de voluntariar numa prisão surgiu	<i>"Não tinha motivação [específica], era mais a de sair da minha zona de conforto" (Voluntária 09)</i>
	<i>"Nunca me passou pela cabeça ir para o voluntariado prisional" (Voluntária 14)</i>

Legenda: [...] – corte no relato do participante.

Para ocupar o tempo

Alguns voluntários mencionaram que, depois de se aposentarem, tinham maior disponibilidade. Neste caso, encontraram o voluntariado como uma opção para ocupar o tempo livre que tinham.

Fé religiosa

As crenças religiosas são uma motivação comum para o voluntariado. No entanto, os voluntários afirmaram que não vão visitar os reclusos para lhes impor as suas crenças e valores, mas para ajudar os reclusos a obedecer às regras da própria prisão.

Necessidade de ajudar

Os voluntários descreveram um compromisso com a sociedade e a necessidade de ajudar os reclusos. Ao longo das entrevistas, os voluntários mostraram grande preocupação com os reclusos.

Experiências anteriores de voluntariado

A existência de experiências anteriores de voluntariado foi notória. Este envolvimento no voluntariado levou a que os voluntários estivessem dispostos a continuar o seu papel como voluntários em ambientes ou populações com as quais não tinham tido experiência, como por exemplo, no contexto prisional.

Recomendação de alguém

O envolvimento no voluntariado em contexto prisional para alguns voluntários surgiu das recomendações feitas por amigos, familiares ou mentores, quer através do conhecimento das associações, quer através das experiências em voluntariado que não no contexto prisional.

Oportunidade de voluntariar numa prisão surgiu

O facto de o voluntariado em contexto prisional ser pouco comum, faz com que as pessoas desconheçam a possibilidade de participar em atividades de voluntariado num

estabelecimento prisional. Por este motivo, alguns voluntários relataram que não tinham intenções anteriores de voluntariar num estabelecimento prisional. No entanto, quando surgiu esta oportunidade de fazer voluntariado no contexto prisional, os voluntários agradeceram sair da sua zona de conforto.

Interação dos voluntários com os reclusos

Com o voluntariado em contexto prisional, os voluntários ganham novas perspetivas com as interações que desenvolvem com os reclusos. Esta relação vai sofrendo uma evolução positiva à medida que os voluntários vão mantendo uma presença repetida e constante, sendo estes capazes de comunicar com os reclusos sem recorrer a preconceitos e julgamentos **(ver tabela 5)**.

Tabela 5 - Citações sobre a interação dos voluntários com os reclusos

<i>Interação dos voluntários com os reclusos</i>	
Interação positiva com os reclusos na prisão	<i>"A relação tem de ser baseada na verdade, na honestidade, sem paternalismo, sem estar de cima para baixo, o que me apercebi cedo e acho que sempre tentei ter isso, por isso acho que a relação foi sempre muito fácil, com igualdade de tratamento" (Voluntária 25)</i> <i>"Uma atitude de honestidade, lealdade é necessária, não desmerecer a confiança que eles colocam em nós, nunca de forma alguma." (Voluntário 33)</i>
Ganhar confiança com os reclusos	<i>"[...] um recluso que disse que nós fomos muito importantes porque indo lá todas as semanas nós mostramos que tínhamos confiança nele e ele disse que os presos não tinham confiança em ninguém, nem neles nem em ninguém [...]" (Voluntária 07)</i> <i>"As conversas que tenho com eles, muitas vezes eu conto-lhes os meus defeitos, isso dá-lhes essa confiança de que eles não são anormais mas sim pessoas que foram mais além do que era suposto ir, mas pronto a partir de agora, é pegar nisso e transformar e depois eles começam a ter esta conversa." (Voluntário 33)</i>
Melhorar a comunicação com os reclusos	<i>"Se há questões, quer dizer aquilo é sempre explosivo porque estamos sempre a encontrar pessoas com características muito diferentes e que são obrigadas a conviver naqueles espaços e naquelas condições, portanto eu acho que a calma é uma coisa que não habita dentro destes espaços, mas nós pelos menos quando lá estamos, tentamos que os pensamentos voem para outros lados [...]" (Voluntária 31)</i> <i>"A relação que se estabelece é portanto uma relação de conhecimento, é uma pessoa que nos é apresentada e a quem nos apresentamos e, a partir daí começamos uma conversa que é marcada pelo espaço da visita solidária é um espaço de liberdade por essencial [...]" (Voluntário 22)</i>
Passar tempo fora da prisão durante as saídas de curta duração	<i>"Eu faço as saídas precárias. [...] Basicamente, somos responsáveis por aqueles que têm o direito de fazer estes passeios precários, apanhamo-los e saímos uma tarde com eles, almoçamos e ficamos até meio da tarde com eles. [...] Temos uma grande ligação, conhecemo-los há alguns anos." (Voluntário 04)</i>

Legenda: [...] – corte no relato do participante.

Interação positiva com os reclusos na prisão

A relação que os voluntários estabelecem com os reclusos é maioritariamente positiva. Contudo, os voluntários descreveram a necessidade de recorrer a bloqueadores de conversa para poderem “quebrar o gelo” como uma forma de começar a falar com os reclusos e ganhar a respetiva confiança. Para o desenvolvimento desta interação, os voluntários fizeram referência a características individuais de voluntariado que facilitam a aproximação aos reclusos, tais como a capacidade de ouvir, honestidade, sinceridade, tratamento de igualdade e capacidade de não fazer julgamentos. Os voluntários consideram que ter uma postura aberta e sem preconceitos face aos reclusos facilita essa interação.

Ganhar confiança com os reclusos

Como em qualquer outro contexto, para criar algum tipo de relação é necessário ganhar confiança, confiança essa que não pode ser obtida de um dia para o outro. Com a população reclusa, o cuidado e o tempo necessários para ganhar confiança são diferentes, uma vez que os reclusos tendem a ser naturalmente desconfiados.

Melhorar a comunicação com os reclusos

Com o tempo, os voluntários acabam por ter uma presença constante, o que significa que à medida que as conversas vão ganhando mais peso e a confiança vai sendo construída, os reclusos acabam por abordar situações de vida que não mencionam com os seus colegas de cela.

Passar tempo fora da prisão durante saídas de curta duração

Alguns reclusos têm autorização do diretor do estabelecimento prisional para sair da prisão por um curto período de tempo. Durante esse período, e em determinadas situações, é possível que os reclusos sejam acompanhados por voluntários. Nesses casos, essa monitorização é frequentemente feita com os mesmos reclusos durante algum tempo, contribuindo para o estabelecimento de uma interação positiva entre os voluntários e os reclusos fora da prisão.

Interação dos voluntários com os profissionais da prisão

Para além do contacto que os voluntários vão tendo com os reclusos ao longo do exercício do voluntariado, estes também adquirem conhecimento sobre o próprio sistema prisional através da relação que estabelecem com os profissionais da prisão **(ver tabela 6)**.

Tabela 6 - Citações sobre a interação dos voluntários com os profissionais da prisão

<i>Interação dos voluntários com os profissionais da prisão</i>	
Guardas prisionais inicialmente desconfiados dos voluntários	<i>"O início foi um pouco perturbado porque eram pessoas muito desconfiadas, frias e um pouco rígidas" (Voluntária 38)</i> <i>"No início eram muito desconfiados [dos voluntários]" (Voluntário 39)</i>
Voluntários vistos como obstáculos pelos guardas prisionais	<i>"[...] mas na maioria deles, vou ser honesto consigo, o que nos passa é que eles não nos veem como uma mais-valia, é quase mais um obstáculo." (Voluntária 10)</i> <i>"[...] ter uma relação com eles que ajuda a desfazer esta ideia do corpo estranho, mas alguns têm dificuldade em empatia, alguns são mais fáceis" (Voluntário 03)</i>
Interação dos voluntários com os guardas prisionais melhorou com o tempo sendo vista como cordial	<i>"Houve uma evolução muito interessante. Até numa primeira fase, nós víamos os guardas quase como um obstáculo de acesso aos reclusos e eles também nos viam com algum desdém, com alguma reserva. Depois, percebemos que quando nós vamos visitar todos os que estão na prisão, nós vamos visitar os guardas, os auxiliares com quem nos cruzamos, e todos eles. [...] Portanto, nós vamos visitar o meio prisional, vamos visitar os reclusos, vamos visitar os guardas que os protegem e toda a gente que está lá incluída, e isso modificou completamente a relação. Com o tempo, foi-se modificando [a relação com os guardas prisionais]." (Voluntário 06)</i> <i>"A minha relação com os guardas é de mútuo respeito." (Voluntária 34)</i> <i>"A nossa relação tenta ser o mais cordial e correta possível, tentamos ser próximos deles" (Voluntário 03)</i>
O ambiente prisional era difícil	<i>"A que mais me impressionou foi [...] uma cadeia [especial] de alta segurança, em que os presos estão fechados 23h, não se ouve uma mosca, é uma coisa horrível. Eu fazia entrevistas com os presos para os convencer a fazerem trabalhos para a exposição, só 1 é que acedeu e aí também tive uma reunião com ele sozinha, mas aí foi um bocado complicado porque meteram-me numa sala com ele e depois aquilo só se pode sair quando se aciona um botão. Portanto, aquilo foi um bocado tenso." (Voluntária 11)</i> <i>"Eu estava com eles [reclusos] numa sala onde caía humidade, [...] escorria água pelas paredes, portanto este não é um ambiente aprazível, digamos [...]. Eu acho que devia de haver salas para estar com as pessoas, eu próprio não tirava o sobretudo lá dentro. Era um gelo completo." (Voluntário 19)</i> <i>"[...] a vida dentro do estabelecimento prisional é horrível. É horrível, olhe os corredores da cadeia [...], são imensos, larguíssimos, altos e nos dias de inverno o</i>

	<i>nevoeiro que está cá fora, está lá dentro; a humidade que está cá fora, está lá dentro [...]” (Voluntário 03)</i>
Os técnicos gestores de voluntariado são acessíveis com os voluntários	<i>”Com as técnicas, com uma ou outra, a amizade até foi criada, mas eu sempre na linha de cá. Foi criada uma relação de amizade” (Voluntária 35)</i> <i>”Também tenho uma relação positiva com os técnicos.” (Voluntária 37)</i> <i>”Com os educadores técnicos, diretor adjunto e diretor num clima de confiança e cordialidade” (Voluntário 33)</i>

Legenda: [...] – corte no relato do participante.

Guardas prisionais inicialmente desconfiados dos voluntários

Antes de haver qualquer interação com os reclusos, os voluntários têm primeiro contacto com os guardas prisionais, especialmente quando entram e saem do estabelecimento prisional. Este primeiro contacto nem sempre foi descrito de forma positiva. Numa fase inicial, os voluntários descreveram esta interação como fria, com alguma desconfiança por parte dos guardas prisionais, distância, e que por vezes até colocavam obstáculos aos voluntários no momento da entrada no estabelecimento prisional.

Voluntários vistos como obstáculos pelos guardas prisionais

No início, devido à distância que os guardas mantinham dos voluntários e à estranheza na presença destes no estabelecimento prisional, alguns voluntários disseram que se sentiam vistos como obstáculos pelos guardas prisionais. Entendiam ainda que podiam estar a impedir o trabalho realizado pelos próprios guardas prisionais.

Interação dos voluntários com os guardas prisionais melhorou com o tempo sendo vista como cordial

As interações entre os voluntários e os guardas prisionais evoluíram com o tempo, e os problemas inicialmente mencionados deixaram de existir. Os voluntários afirmaram que após as primeiras sessões de voluntariado, os guardas prisionais tornaram-se mais acessíveis, demonstrando maior confiança nos voluntários, maior positividade nas interações, tratando-os com cordialidade e respeito mútuo, estando mais satisfeitos e comprometidos em continuar com o voluntariado.

O ambiente prisional era difícil

Os voluntários descreveram o ambiente prisional envolvente como sendo difícil. As estruturas dos estabelecimentos prisionais são antigos, e acabam por ter poucas condições

e espaços adequados para realizarem as atividades de voluntariado.

Os técnicos gestores de voluntariado são acessíveis com os voluntários

Embora o contacto no estabelecimento prisional fosse principalmente com os reclusos e com os guardas prisionais, os voluntários também mantiveram contacto com os técnicos gestores de voluntariado, embora com menor frequência. Esta interação estabelecida com os técnicos gestores de voluntariado foi descrita como muito positiva com os técnicos a mostrarem-se bastante acessíveis com os voluntários.

O voluntariado em contexto prisional causa impacto nos voluntários

O voluntariado em contexto prisional é uma realidade pouco conhecida na população em geral, em Portugal. Porém, o impacto que o voluntariado em contexto prisional causa nos voluntários surge em várias entrevistas. Através do contacto que os voluntários têm com a população reclusa, os preconceitos e estereótipos que tinham antes, acabam por ser desconstruídos, mudando a sua perspetiva (**ver tabela 7**).

Tabela 7 - Citações sobre o impacto que o voluntariado em contexto prisional causa na vida dos voluntários

<i>Voluntariado em contexto prisional causa impacto nos voluntários</i>	
Mudou as perspetivas dos voluntários	<i>"Percebo que a minha realidade não é a única e é sempre conhecida tanto como qualquer experiência fora do seu contexto. É por isso que acho que é isso, dá maior abertura social, estou mais consciente das realidades que existem e das situações de injustiça que também existem" (Voluntária 25)</i> <i>"Cada contacto com uma realidade diferente da nossa ajuda-nos a criar a possibilidade de empatia e, não sei, abre um pouco do mundo e das nossas cabeças para compreender outras realidades" (Voluntária 25)</i>
Forçou os voluntários a gerir as suas expectativas	<i>"Aquele expectativa de se for possível colaborar para que uma pessoa se reintegre na sociedade, estamos sempre com essa expectativa, embora não seja isso que esperamos" (Voluntário 08)</i> <i>"[...] ir e não esperar por nada, ir e unicamente para estar com eles e mais nada. [...] Não estar à espera de nada deles, mas dar-lhes uma manhã diferente" (Voluntária 07)</i>
Relativização dos problemas dos voluntários	<i>"Relativizamos muito mais certas coisas que nos acontecem na vida" (Voluntária 26)</i> <i>"Colocamos as coisas na prioridade certa. [...] Damos mais valor ao que temos e ao que normalmente damos por garantido" (Voluntária 15)</i>

Legenda: [...] – corte no relato do participante.

Mudou as perspetivas dos voluntários

O contacto com outras realidades diferentes daquela em que os voluntários viviam fez com que ganhassem outras perspetivas, descrevendo uma maior consciência ao mesmo tempo que percebiam que existem outras realidades fora do seu ambiente profissional e pessoal que, até terem contacto com os reclusos e ouvirem as suas histórias, desconheciam.

Forçou os voluntários a gerir as suas expectativas

Os voluntários descreveram que gerir as suas próprias expectativas foi um dos maiores desafios. Reconheceram que só poderiam ajudar em algumas coisas, porque a realidade dos reclusos não depende dos voluntários.

Relativização dos problemas dos voluntários

Com a experiência do voluntariado em contexto prisional, os voluntários referiram que acabaram por relativizar determinados problemas. Esta relativização levou-os, de certa forma, a reformular prioridades, não tendo nada como garantido nas próprias vidas.

Perceção dos voluntários sobre ajudar os reclusos

Os voluntários perceberam o voluntariado em contexto prisional como algo positivo na vida dos reclusos, trazendo-lhes vários benefícios (**ver tabela 8**).

Tabela 8 - Citações sobre a percepção dos voluntários sobre ajudar os reclusos

Percepção dos voluntários sobre ajudar os reclusos	
Aquisição de competências	<i>"Aliviar a tensão, estar ocupado. Alguns aprendem profissões e como ser útil à sociedade através dos contactos dos workshops que vendem o que estão a produzir." (Voluntária 34)</i> <i>"As ferramentas ajudam a estabelecer o diálogo, a partilhar ideias, e até a se conhecerem melhor" (Voluntário 28)</i> <i>"Tentámos levar algumas atividades variadas, desde textos a algo mais prático para eles também, para que eles participassem [...]" (Voluntária 24)</i> <i>"Sempre preparámos um tema, um texto, uma dinâmica para os envolver e ajudá-los a partilhar, mas a conversa individual também é muito importante." (Voluntária 23)</i>
Quebrar a rotina	<i>"Ajuda passar o tempo e é construtivo, são coisas construtivas. Habitua-se a estar num grupo, a ter horários, a ter disciplina. As rotinas do dia-a-dia e as semanas de alguma forma, os nossos projetos estavam lá a quebrar algumas rotinas" (Voluntária 17)</i> <i>"É importante contribuir para fazer um pouco da diferença nos dias deles" (Voluntária 37)</i>
Ponte entre os reclusos e as famílias	<i>"Muitas vezes acabamos por fazer o contacto com as famílias e levar, ou ajudar, familiares a visitar [...] e isso acontece, às vezes nós patrocinamos a vinda de uma família [...] da Guarda ou de outro ponto do país, para que possam vir visitar a reclusa que está em Tires" (Voluntária 17)</i> <i>"Nunca tive medo porque não tenho motivos, [...] há uma conversa de continuidade, geralmente recolhemos números de telefone para telefonar às famílias." (Voluntária 14)</i> <i>"Fazemos um bocadinho esta ponte entre a reclusa que está lá dentro e a família que está cá fora e isso também é muito gratificante e é uma coisa que não nos custa nada. Tudo aquilo que nós poderemos fazer e que seja o básico e inofensivo, nós tentamos ajudar sempre com o conhecimento da cadeia" (Voluntária 01)</i>
Vínculo social com o exterior	<i>"Somos alguém que vem de fora e traz algo novo. [...] É importante que tenham alguém com quem conversar, alguém fora do sistema" (Voluntária 02)</i> <i>"Somos um pouco a janela que se abre para eles, a janela que vem de fora e trazemos um pouco de encorajamento, de esperança, de confiança" (Voluntária 01)</i>

"[...] a fim de lhes dar algum convívio, alguma coexistência com o mundo exterior que eles não tinham, nem a família os visitou" (Voluntário 08)

Legenda: [...] – corte no relato do participante.

Aquisição de competências

Os voluntários referiram a importância dos programas e atividades de voluntariado que têm com os reclusos, uma vez que esses programas têm como objetivo ensinar competências aos reclusos, que lhes podem ser úteis para o futuro.

Quebrar a rotina

Para combater as rotinas na prisão, estas interações com os voluntários proporcionam novas oportunidades, novas rotinas e novos horários, uma vez que os reclusos já contam com as atividades ou visitas nesses dias.

Ponte entre os reclusos e as suas famílias

Os voluntários acabam por ser o contacto entre os reclusos e o mundo exterior, especialmente com as famílias. Sempre que possível e com o conhecimento da direção do estabelecimento prisional, os voluntários podem contactar as famílias dos reclusos e até ajudar a transportar as famílias para que possam visitá-los, tendo em conta que os reclusos nem sempre se encontram num estabelecimento prisional perto da sua zona de residência, o que por vezes impossibilita ou dificulta as famílias a suportarem os custos destas viagens longas.

Vínculo social com o exterior

A presença regular dos voluntários com os reclusos contribuiu para a existência contínua de vínculos sociais apesar do confinamento dos reclusos. Através das visitas e atividades, os reclusos acabavam por ter um momento em que podiam falar abertamente e sem julgamento, promovendo assim a comunicação e o combate ao isolamento dos mesmos.

Maior apoio ao voluntariado em contexto prisional

Os voluntários fizeram algumas recomendações para melhorar a realidade do voluntariado em contexto prisional. Estas sugestões centraram-se especialmente na manutenção de uma formação exigente para o voluntariado em contexto prisional. Além disso, os voluntários também sugeriram que o voluntariado neste contexto fosse considerado como uma forma de reintegração na sociedade que pode ir além do estabelecimento prisional (**ver tabela 9**).

Tabela 9 - Citações sobre o maior apoio ao voluntariado em contexto prisional

<i>Maior apoio ao voluntariado em contexto prisional</i>	
Proporcionar formação e acesso a apoio aos voluntários	<i>"As formações acho que são muito importantes, que é dar-nos a força para ir, acreditar, sentirmo-nos renovados na ajuda" (Voluntária 14)</i> <i>"A melhor forma de melhorar a atividade de voluntariado é manter a formação crítica e contínua [...]" (Voluntário 06)</i> <i>"Foi mais o apoio que nos dão do estabelecimento. Acho que deles não temos tanto apoio como devíamos ter" (Voluntária 10)</i>
Seleção cuidadosa das pessoas que voluntariam nas prisões	<i>"Eu recomendo o voluntariado em contexto prisional apenas para pessoas que têm um conjunto de características muito específicas. [...] É preciso ser um indivíduo persistente, motivado, com uma capacidade extraordinária de ouvir." (Voluntário 22)</i> <i>"O voluntário tem que ter certas características muito fortes para enfrentar tal desafio. Acima de tudo, saber ouvir, não fazer julgamentos, [...] dar opinião quando necessário, manter o sigilo absoluto, não entrar em campos jurídicos, parecem coisas muito simples, mas não o são para muitas pessoas" (Voluntária 35)</i> <i>"Tens de ter um perfil, sabes?" Tendemos a aceitar pessoas já com alguma maturidade, que não se deixem envolver emocionalmente com os reclusos, que são cúmplices, que são fiéis, não estamos propriamente a fazer um trabalho que qualquer um possa fazer. " (Voluntário 06)</i>
Melhorar as condições na prisão para a realização de atividades de voluntariado	<i>"[...] em termos de instalações para o desempenho das atividades, deve, por conseguinte, existir um esforço institucional da Direção-Geral para criar, dentro das possibilidades físicas, condições para que este voluntariado possa ser feito de forma mais profícua. O voluntariado [...] é uma realidade externa, tem de se adaptar e as adaptações e os ajustes têm de ser feitos, e há coisas que às vezes beneficiariam se pudessem ser feitas no seu próprio espaço e com condições adequadas para que haja uma diferenciação física, que seja um espaço de liberdade dentro de um espaço de reclusão. " (Voluntário 22)</i>
Melhorar a relação entre as associações de voluntariado e os estabelecimentos prisionais	<i>"Estou convencido de que a relação com entidades do sistema prisional é importante no voluntariado em contexto prisional. [...] ser capaz de quebrar esta barreira, no sentido de criar um bom ambiente entre entidades prisionais e trabalho voluntário, que eu acho que era algo a ser feito. Esta relação com a estrutura prisional é importante- seria esse o conselho que daria - apostar na relação com a estrutura prisional." (Voluntário 08)</i> <i>"Acho que o voluntariado deve acabar com as "capelinhas", não deve haver "capelinhas", sim, tenho a minha organização e vocês têm a vossa. Este nível de</i>

	<i>ajuda mútua entre associações, na forma como eu vejo, não existe. Se houvesse uma união dos voluntários [...] talvez pudéssemos mudar certas regras para que pessoas mais dignas, mais humanas, viessem a público."</i> (Voluntário 33) <i>"Uma maior flexibilidade em termos de acreditação, o processo de admissão de voluntários e colaboradores assistentes espirituais que não são realmente visitantes voluntários é muito moroso e isso é por vezes desencorajador. "</i> (Voluntário 22)
Melhorar a imagem da população reclusa na sociedade e promover a sua reintegração	<i>"Gostaria muito que o sistema prisional olhasse para o voluntariado como um veículo de reintegração. [...] gostava que o voluntariado, no geral, fosse visto como mais um braço para ajudar estas pessoas com a sua reintegração e às vezes nem sequer é reintegração, é integrarem-se pela primeira vez na vida" (Voluntária 31)</i> <i>"Voluntariado estendido para pós-prisão" (Voluntária 02)</i> <i>"Atendendo à realidade prisional, é muito importante que isso aconteça e que haja interação entre a sociedade civil [não reclusa] e a sociedade reclusa porque é realmente uma parte da população que está totalmente isolada e não se tem [contacto], pelo menos nunca tive contacto com ela, é uma realidade completamente desconhecida do normal, por isso é inevitável que o estigma dure para sempre e que uma pessoa saia e não tenha oportunidades." (Voluntária 25)</i>

Legenda: [...] – corte no relato do participante.

Proporcionar formação e acesso a apoio aos voluntários

Os voluntários mencionaram a importância de ter uma formação exigente e contínua antes de entrar no estabelecimento prisional. Quase todos os voluntários receberam formação antes de começarem a fazer voluntariado dentro do estabelecimento prisional. Neste contexto, é necessário ter presente as regras existentes e, para evitar problemas futuros, os voluntários devem estar atentos, conscientes e preparados para possíveis situações que possam acontecer, para que saibam como lidar com as mesmas da melhor forma.

Seleção cuidadosa das pessoas que voluntariam nas prisões

Os voluntários consideraram que deve haver uma seleção cuidadosa de voluntários com as características necessárias para alguém voluntariar numa prisão e poder comunicar com os reclusos. Os estabelecimentos prisionais foram descritos como tendo um ambiente difícil e pesado, por esse motivo, nem todos têm as qualidades necessárias, ou se conseguem adaptar ao ambiente prisional.

Melhorar as condições na prisão para a realização de atividades de voluntariado

Os voluntários referiram-se à melhoria das condições nos locais onde se realizam atividades de voluntariado. Os estabelecimentos prisionais são normalmente lugares com um ambiente hostil e, para facilitar este voluntariado, um ambiente favorável deve ser criado durante essas atividades para que os reclusos se possam abstrair.

Melhorar a relação entre as associações de voluntariado e os estabelecimentos prisionais

Os voluntários referiram a importância de ter uma boa relação entre as associações de voluntariado e os estabelecimentos prisionais para que o ambiente envolvente seja de união e organização. Além disso, a relação entre as próprias associações de voluntariado é sempre importante, facilitando o diálogo e a cooperação entre si.

Melhorar a imagem da população reclusa na sociedade e promover a sua reintegração

Os voluntários recomendaram o voluntariado como uma forma de reintegração para os reclusos, mas também para prolongar o voluntariado além do contexto prisional para o momento da saída. Alguns voluntários apoiaram que deveria haver um maior contacto com a população reclusa como forma de reduzir o estigma associado aos reclusos e normalizar a existência desta realidade.

Discussão

Resultados principais do estudo

Os voluntários enfatizaram a importância de uma formação adequada na preparação para o voluntariado em contexto prisional e que os voluntários devem ser cuidadosamente selecionados. Sem isso, os limites podem não ficar claros, potencialmente levando a problemas como o envolvimento emocional com um recluso, manipulação ou até mesmo a contraírem-se dívidas.

Destacou-se ainda a importância das atividades desenvolvidas com os reclusos, que visam apoiar os reclusos a adquirir competências úteis para o seu processo de reintegração fora da prisão, estimular um processo de introspeção e estabelecer metas de curto, médio e longo prazo.

Os voluntários reconheceram o impacto que o voluntariado em contexto prisional causou nas suas vidas, devido ao aumento do contacto com o sistema de justiça, do contacto com a população reclusa e do conhecimento adquirido resultante deste convívio.

Os voluntários perceberam o seu papel como impactante nos reclusos, mas também no ambiente prisional envolvente. Depois de ganhar a confiança dos reclusos, foi possível os voluntários ter conversas com os reclusos sobre assuntos que estes não falavam com os colegas de cela.

Pontos fortes e limitações

Tanto quanto se sabe, este é o primeiro estudo em Portugal sobre voluntariado em contexto prisional. O estudo abrange múltiplas áreas: as motivações dos voluntários, as interações que os voluntários estabeleceram com os reclusos e com os guardas prisionais e técnicos gestores de voluntariado e o impacto que este voluntariado causou na vida dos voluntários. Por conseguinte, estes resultados acrescentam-se a uma literatura nesta matéria muito limitada e, incentivam mais trabalhos de investigação no futuro. A cobertura geográfica deste estudo é também um ponto forte, uma vez que os voluntários pertencem a três das principais cidades de Portugal, fornecendo informações ricas e detalhadas sobre este fenómeno.

Este estudo tem, contudo, algumas limitações. Em primeiro lugar, a amostra abrange principalmente associações de voluntariado sediadas em zonas urbanas e não em zonas rurais. Em segundo lugar, não foi perguntado diretamente aos voluntários se, em qualquer momento, cumpriram pena num estabelecimento prisional ou se tinham algum membro de família que tivesse sido recluso, o que limita a compreensão das características desses voluntários, e de que forma os fatores individuais podem desempenhar um papel na sua motivação para se tornarem voluntários no contexto prisional. Por fim, as perspetivas deste estudo foram baseadas apenas nas perspetivas dos voluntários, pelo que a perceção dos reclusos dessas mesmas interações não foi investigada neste estudo.

Comparação com a literatura

Neste estudo, os voluntários em contexto prisional em Portugal, mostraram uma atitude muito positiva em relação aos reclusos, manifestando-se à vontade com a sua presença e sem medo. Esta atitude positiva face aos reclusos também foi demonstrada em estudos efetuados noutros países, nomeadamente com os voluntários no Canadá, onde os resultados de um programa de visitas voluntárias cujo foco se centrou nos benefícios para os reclusos, voluntários e profissionais foram positivos [41]. As visitas de voluntariado foram benéficas não só para os reclusos, uma vez que através das visitas foi-lhes dada oportunidade de falar em segurança e adotar uma visão mais otimista do futuro, mas também para os próprios voluntários, uma vez que estes se sentiam mais conscientes da sua própria qualidade de vida [37, 41].

Neste estudo, os voluntários em contexto prisional tinham principalmente como motivação o facto de terem uma maior disponibilidade e tempo nas suas vidas, as suas experiências anteriores e uma necessidade de ajudar outros. Essas mesmas motivações foram descritas noutros estudos realizados nos estados do Sul nos EUA, onde os voluntários expressaram as suas crenças pessoais como uma das razões para o voluntariado, a partilha das suas crenças e valores com os reclusos, o compromisso que os voluntários sentiram face ao voluntariado e face aos próprios voluntários também contribuiu para o seu envolvimento no voluntariado em contexto prisional [38, 69]. Da mesma forma, outro estudo realizado no estado de Minnesota, nos EUA, reconheceu que, quando se trata de voluntariado, os voluntários sentem a necessidade de ajudar os outros e expressar os seus valores e crenças como forma de mostrar a sua preocupação com os outros [70].

Os voluntários deste estudo consideraram que o voluntariado em contexto prisional é importante, e pode trazer benefícios para os reclusos e para si mesmos. Esta perceção foi descrita anteriormente num estudo realizado no estado da Flórida, nos EUA, onde foi afirmado que as visitas de voluntários podem trazer aspetos positivos para os reclusos e influenciar a sua postura enquanto cumprem pena contribuindo para o estabelecimento de relações sociais durante a reclusão [71, 72].

Implicações do estudo para a prática, políticas e investigação

Este estudo demonstra que são necessárias algumas ações para melhorar o voluntariado em contexto prisional em Portugal, nomeadamente:

- (i) **Oferecer formação e acesso a apoio aos voluntários** que voluntariam em contexto prisional, para que os voluntários saibam desde o início o que podem e o que não podem fazer, sempre cumprindo as regras necessárias e evitar qualquer tipo de complicações dentro do estabelecimento prisional que possam comprometer a sua segurança, a segurança dos reclusos e até mesmo dos profissionais.
- (ii) **Melhorar a organização e a cooperação entre as organizações de voluntariado e os estabelecimentos prisionais.** Tal pode englobar, um processo de seleção de voluntários mais rápido, de forma a evitar que alguns voluntários acabem por desistir pela morosidade do processo, e também a melhoria das condições no interior do estabelecimento prisional, por exemplo das salas para o exercício das atividades de voluntariado, de modo que estas possam ser feitas num ambiente confortável e o mais natural possível.
- (iii) **Alargar a intervenção do voluntariado nas prisões além do contacto direto com os reclusos.** Uma vez que para ser voluntário nas prisões é necessária uma seleção cuidadosa e um perfil específico, podia ser possível envolver os voluntários para, por exemplo, darem apoio administrativo aos técnicos dos estabelecimentos prisionais, auxiliando a organização ou o arquivo dos processos ou então dar apoio nas secções de secretaria. Desta forma, na eventualidade de o voluntário não se adaptar a estar em contacto direto com os reclusos, este poderia continuar a exercer voluntariado neste contexto prisional.
- (iv) **Melhorar a relação existente entre a sociedade e a população reclusa** como forma de contribuir para a reintegração e reduzir o estigma social que os reclusos enfrentam após o cumprimento da pena.
- (v) **Incentivar iniciativas de voluntariado a nível empresarial.** Poderão existir empresas que tenham a possibilidade de investir em postos de trabalho nos estabelecimentos prisionais, de forma a haver um maior número de reclusos que possam ter uma ocupação profissional durante o tempo em que estão a cumprir pena.
- (vi) A nível local, os **Bancos de Voluntariado e as Câmaras Municipais poderiam ter um papel mais interventivo** face ao voluntariado, de

forma a não se limitarem a ser plataformas direcionadas para a procura e oferta de voluntariado.

- (vii) **Segundo a Lei de Bases do enquadramento jurídico do voluntariado (Lei nº7/98, de 3 de novembro)**, um dos direitos dos voluntários de acordo com o artigo 7º, nº1, al. c) é o “enquadramento no regime do seguro social voluntário, no caso de não estar abrangido por um regime obrigatório de segurança social” [7]. Para que exista a possibilidade de suportar o seguro social voluntário, as despesas dos transportes e os materiais para as atividades, é necessário que as entidades tenham capacidade financeiras para tal. Desta maneira, **seria importante que as entidades recebessem de um maior apoio financeiro** para conseguir suportar os custos ou facilitarem mais recursos para a elaboração do voluntariado. Este apoio podia ser providenciado por empresas privadas através da responsabilidade social empresarial, que podiam beneficiar de uma imagem positiva aos olhos da sociedade, aumentando a eficiência e criatividade por parte dos colaboradores [27].

Para futuras investigações que se debrucem sobre o voluntariado em contexto prisional, existem algumas melhorias que podem ser tidos em consideração, tais como:

- (i) Elaboração de mais **estudos qualitativos com reclusos e guardas prisionais** com o objetivo de avaliar as experiências e atitudes destes em relação ao voluntariado.
- (ii) Realizar **estudos de follow-up para avaliar o impacto do voluntariado** ao longo do tempo, nos reclusos e nos próprios voluntários. A autora investigou, através da realização destas entrevistas que à medida que aumenta o contacto dos voluntários com a realidade dos estabelecimentos prisionais e com a população reclusa, aumenta o impacto que este voluntariado tem na vida dos voluntários. Mais estudos de investigação poderiam explorar o impacto destas atividades naqueles que fazem voluntariado há menos tempo e compará-los com aqueles voluntários que têm mais experiência.
- (iii) Mais **estudos de investigação para melhor explorar e caracterizar as diferentes atividades realizadas no âmbito do voluntariado em contexto prisional**, e quais os fatores individuais que possam eventualmente estar associados ao interesse nas diferentes atividades.

Este estudo não aprofundou as diferenças dos vários tipos de atividades, e nas entrevistas foram apenas referidas as atividades de saídas jurisdicionais do estabelecimento prisional.

Conclusões

Este estudo ilustra as experiências, interações e impacto dos voluntários em contexto prisional em Portugal, fornecendo mais informações sobre esta área pouco estudada. Demonstra que as experiências dos voluntários em contexto prisional em Portugal foram largamente positivas. Além disso, os voluntários percebem o seu papel como tendo um impacto nos reclusos durante o seu tempo de reclusão, apoiando-os na sua reintegração na sociedade, após cumprirem a sua pena, e também em si próprios.

Anexos

Anexo 1 – Parecer da Comissão de Ética do CHUP/ICBAS

Exma. Senhora
Dra. Mónica Filipa Carabineiro Salselas

v. referência	v. comunicação	n. referência	data
		SD/HCC/86	2021-02-26
assunto	2021/CE/P005(P345/CETI/ICBAS)		

Informa-se que o projeto de Investigação Fundamental com o título “**As experiências dos voluntários em contexto prisional**”, com a referência 2021/CE/P005(P345/CETI/ICBAS), submetido à Comissão de Ética conjunta CHUP/ICBAS, foi apreciado em reunião plenária de 24 de fevereiro de 2021, tendo obtido parecer favorável nessa data.

Com os nossos cumprimentos,

O Diretor,


(Prof. Doutor Henrique Cyrne Carvalho)

APP

Apêndices

Apêndice 1 – Informação ao Participante

Informação ao Participante *A experiência dos voluntários no contexto prisional*

Investigadora:
Mónica Salselas

Apresentação do investigador

O meu nome é Mónica e eu sou aluna do Mestrado em Medicina Legal do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto e estou a realizar este projeto de investigação no âmbito da minha tese de mestrado, com a orientação da Dra. Mariana Pinto da Costa.

Objetivo da Investigação

Este trabalho tem como objetivo estudar as experiências que os voluntários têm durante o voluntariado que exercem no meio prisional bem como, as perceções que estes têm das suas interações no contexto prisional e com os reclusos.

Descrição do projeto e procedimentos

Portugal é um dos países que tem uma legislação específica referente ao voluntariado (Lei nº71/98, de 3 de Novembro). Neste contexto, existem várias associações cujo objetivo é apoiar os reclusos na sua vida dentro do Estabelecimento Prisional e na sua ressocialização na sociedade.

Com este estudo, pretendemos saber quais são as experiências que os voluntários têm e ganham durante o tempo que estão no voluntariado e como é que estes percecionam essas experiências que têm com os reclusos. Assim, será necessário efetuar uma entrevista remotamente (ex. por Skype) que será áudio-gravada. A participação dos voluntários é totalmente livre e é garantida a eventual desistência sem qualquer tipo de consequência.

Utilização da informação

Toda a informação obtida será totalmente anonimizada e de carácter confidencial.

No caso de desistência, e caso já tenha sido gerada alguma informação, esta será de imediato destruída, caso os participantes o solicitem.

Toda a informação gerada será armazenada numa pasta encriptada com palavra passe, num disco externo sem ligação à internet.

Após a entrevista, o ficheiro de áudio será transcrito e analiticamente analisado, para que sejam explorados padrões e os significados das respostas e com isso responder às

perguntas de investigação deste trabalho sobre as experiências que os voluntários têm durante o seu voluntariado em contexto prisional e como é que percebem essas experiências com os reclusos.

A informação produzida será utilizada exclusivamente, para dar resposta à questão de estudo, podendo ser utilizada para ser apresentada em encontros científicos e/ou para a publicação em revista científica. Como tal, alguns excertos poderão ser apresentados ou publicados, mas sempre garantindo o seu anonimato.

Há algum risco em fazer parte do projeto?

Não há nenhum risco, em particular, que envolva a participação neste estudo. Na verdade, espero que esta experiência se torne mutuamente enriquecedora.

Quais são os benefícios de participar?

Terá a oportunidade de participar num projeto de investigação e com isso estar por dentro do processo de investigação. Mas o maior benefício da sua participação é a contribuição ativa para um maior conhecimento sobre as experiências e o trabalho dos voluntários no meio prisional e o possível impacto destas experiências.

Convite

Para que este projeto tenha relevância e impacto científico, é essencial saber que experiências já teve durante o tempo que está a fazer voluntariado. Sem a sua colaboração, a compreensão da realidade do voluntariado em meio prisional em Portugal tornar-se-á complexa.

Contacto

Caso precise de esclarecer alguma dúvida por favor contactar:

Investigadora: Mónica Salselas

Telemóvel: 912 296 429

E-mail: monicasalselas@gmail.com

Apêndice 2 – Carta de apoio à divulgação do projeto

Rua de Jorge Viterbo Ferreira, N° 228
4050-313 Porto, Portugal
912 296 429
monicasalselas@gmail.com

Exmo.(a) Senhor (a)

Escrevo-lhe enquanto aluna do Mestrado em Medicina Legal do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar – ICBAS, da Universidade do Porto pois estou a realizar um projeto de investigação no âmbito do Voluntariado em Contexto Prisional, sob a orientação da Dra. Mariana Pinto da Costa.

Esperamos com este trabalho aprofundar a compreensão desta temática no contexto português, mapeando as motivações dos voluntários para realizarem voluntariado no contexto prisional, as experiências dos voluntários ao interagir com os reclusos, a forma como os voluntários se relacionam com os técnicos gestores de voluntariado e guardas prisionais e a perceção dos voluntários do possível impacto das visitas em si próprios e nos reclusos.

Vimos por este meio solicitar o seu apoio na participação deste projeto acerca da “Experiência dos voluntários em contexto prisional”.

Gostaríamos de pedir a sua ajuda para divulgar este projeto com os voluntários da sua instituição.

Temos planeado a realização das entrevistas de forma remota (por ex. Skype, Zoom ou outra plataforma do seu agrado) com os voluntários que aceitem participar neste estudo.

Caso tenha alguma dúvida acerca deste projeto ou queira colocar alguma questão, por favor contacte-me através do e-mail monicasalselas@gmail.com e/ou do contacto 912 296 429.

Desde já agradecemos a sua atenção e esperamos poder contar com a sua importante colaboração.

Com os melhores cumprimentos

Mónica Salselas
Aluna de Mestrado

Guião de Entrevista

As experiências dos voluntários no contexto prisional

Esta entrevista tem como objetivo estudar as experiências que os voluntários têm no contexto prisional durante o seu voluntariado, bem como as perceções que estes têm das mesmas com os reclusos.

- 1. Gostava de saber a sua idade e a qual é/foi a sua profissão.**
- 2. Como é que se envolveu no voluntariado em meio prisional?**
- 3. O que é que o/a motivou a ser voluntário/a em meio prisional?**
- 4. Descreva algumas das atividades que realizou como parte do voluntariado.**
- 5. Como é que classifica a sua interação com os reclusos/as? Por favor, não utilize nomes.**
- 6. O que é que considera mais importante no relacionamento com os reclusos/as?**
- 7. Como é que classifica a sua interação com os técnicos gestores de voluntariado e guardas prisionais?**
- 8. Na sua opinião, quais as mais valias do voluntariado em contexto prisional?**
- 9. Na sua opinião, quais os desafios do voluntariado em contexto prisional?**
- 10. Qual a sua melhor experiência como voluntário? Qual a sua pior experiência?**
- 11. Recomendaria a alguém fazer voluntariado em meio prisional? Porque sim/porque não?**
- 12. Que recomendações gostaria de fazer para melhorar o voluntariado em contexto prisional?**
- 13. Gostaria de acrescentar alguma informação?**

Apêndice 4 – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

Idade: _____

Estado Civil (assinale com um X a opção que lhe corresponde):

Solteiro/a ☐ Casado/a ☐ Divorciado/Separado ☐ Viúvo/a ☐

Habilitações Literárias (assinale com um X a opção que lhe corresponde):

4º ano de escolaridade ☐ 9º ano de escolaridade ☐ Ensino Secundário ☐

Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutoramento ☐

Profissão: _____

Nível Socioeconómico (assinale com um X a opção que lhe corresponde):

Alto ☐ Médio ☐ Baixo ☐

Tempo de voluntariado: _____

Apêndice 5 – Consentimento Informado

Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em Estudos de Investigação

A presente investigação está a ser desenvolvida no âmbito da tese de mestrado em Medicina Legal, do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto, pela Mónica Salselas, sob orientação da Dra. Mariana Pinto da Costa.

Esta investigação tem como objetivo estudar as experiências vivenciadas pelos voluntários em contexto prisional e as perceções que estes têm das suas interações com os reclusos.

Poderão participar nesta investigação aqueles que se disponibilizarem para o fazer, sendo esta voluntária. Para obtenção dos dados será necessário realizar uma entrevista semiestruturada que decorrerá remotamente (ex. Skype) e será áudio-gravada e, mais tarde, transcrita.

Os registos de áudio serão destruídos depois de terminado o estudo e os registos transcritos anónimos serão guardados por 20 anos após o término do estudo, como forma de garantir a total confidencialidade dos dados recolhidos que serão utilizados para fins da presente investigação.

Caso aceite participar nesta investigação, por favor preencha o espaço abaixo indicado:

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações que me foram fornecidas pela investigadora que abaixo assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

O Participante

A Investigadora

Porto, _____ de _____ de 2021

Apêndice 6 – Tabela dos códigos no software Nvivo 12

Temas					Search Project	
Name	Files	References	Created On	Created By		
Diferentes motivações para voluntariar		0	0	18/07/2021 16:15	MS	
Experiências anteriores de voluntariado		20	28	19/07/2021 14:00	MS	
Fé pessoal e religiosa		4	4	19/07/2021 14:19	MS	
Necessidade de ajudar		15	22	19/07/2021 14:13	MS	
Oportunidade de voluntariar numa prisão surgiu		10	12	19/07/2021 14:24	MS	
Para ocupar o tempo		7	9	19/07/2021 14:16	MS	
Recomendação de alguém		12	14	19/07/2021 14:09	MS	
Interação dos voluntários com os profissionais da prisão		0	0	18/10/2021 12:22	MS	
Guardas prisionais inicialmente desconfiados dos voluntários		14	24	18/07/2021 16:15	MS	
Interação dos voluntários com os guardas prisionais melhorou com o tempo sendo v		33	57	06/10/2021 12:21	MS	
Os técnicos gestores de voluntariado eram acessíveis com os voluntários		8	8	06/10/2021 12:21	MS	
Voluntários vistos como obstáculos pelos guardas prisionais		6	7	06/10/2021 12:20	MS	
Interação dos voluntários com os reclusos		0	0	19/07/2021 13:26	MS	
Ganhar confiança com os reclusos		18	27	06/10/2021 12:18	MS	
Interação positiva com os reclusos na prisão		35	90	18/07/2021 16:15	MS	
Melhorar a comunicação com os reclusos		7	9	06/10/2021 12:19	MS	
Passar tempo fora da prisão durante as saídas de curta duração		1	3	06/10/2021 12:20	MS	
Maior apoio ao voluntariado em contexto prisional		0	0	19/07/2021 10:40	MS	
Melhorar a imagem da população reclusa na sociedade e promover a sua reintegraç		9	11	19/07/2021 13:14	MS	
Melhorar a relação entre as associações de voluntariado e os estabelecimentos prisio		12	17	19/07/2021 13:21	MS	
Melhorar as condições na prisão para a realização de atividades de voluntariado		3	3	19/07/2021 13:19	MS	
Proporcionar formação e acesso a apoio aos voluntários		8	8	19/07/2021 13:16	MS	
Seleção cuidadosa das pessoas que voluntariam nas prisões		12	16	19/07/2021 13:11	MS	
Perceção dos voluntários sobre ajudar os reclusos		0	0	18/07/2021 16:16	MS	
Aquisição de competências		21	36	06/10/2021 12:30	MS	
Ponte entre os reclusos e as famílias		18	22	06/10/2021 12:31	MS	
Quebrar a rotina		12	17	06/10/2021 12:30	MS	
Vínculo social com o exterior		17	23	06/10/2021 12:29	MS	
Voluntariado em contexto prisional causa impacto nos voluntários		0	0	18/07/2021 16:16	MS	
Forçou os voluntários a gerir as suas expectativas		19	25	22/07/2021 14:44	MS	
Mudou as perspetivas dos voluntários		14	16	14/07/2021 17:32	MS	
Relativização dos problemas dos voluntários		10	13	22/07/2021 14:42	MS	

Apêndice 7 – Lista de apresentações do estudo em eventos nacionais e internacionais

1. Seminário no Mestrado em Medicina Legal, no dia 06 de Março de 2021, com a apresentação deste projeto aos restantes alunos.
2. Apresentação Oral no Encontro IJUP (Investigação Jovem da Universidade do Porto), no dia 05 de Maio de 2021. Título da apresentação “ A experiência dos voluntários em contexto prisional em Portugal – estudo qualitativo.
3. Apresentação no Seminário do QUAHRC (*Qualitative Applied Health Research Centre*), *King’s College London*, no dia 23 de Agosto de 2021. Título da apresentação “The experience of volunteers in prisons in Portugal – a qualitative study”.
4. Reunião de ‘Critical Appraisal’ com estudantes do King’s College London no dia 28 de Setembro de 2021. Utilizada COREQ-32 checklist e CASP checklist para a discussão do artigo submetido à revista científica *Frontiers Psychiatry* acerca deste trabalho.

Apêndice 8 – COREQ (Consolidated criteria for REporting Qualitative research) Checklist

COREQ (Consolidated criteria for REporting Qualitative research) Checklist

A checklist of items that should be included in reports of qualitative research. You must report the page number in your manuscript where you consider each of the items listed in this checklist. If you have not included this information, either revise your manuscript accordingly before submitting or note N/A.

Topic	Item No.	Guide Questions/Description	Reported on Page No.
Domain 1: Research team and reflexivity			
<i>Personal characteristics</i>			
Interviewer/facilitator	1	Which author/s conducted the interview or focus group?	18
Credentials	2	What were the researcher's credentials? E.g. PhD, MD	19-20
Occupation	3	What was their occupation at the time of the study?	N/A
Gender	4	Was the researcher male or female?	19
Experience and training	5	What experience or training did the researcher have?	19
<i>Relationship with participants</i>			
Relationship established	6	Was a relationship established prior to study commencement?	18
Participant knowledge of the interviewer	7	What did the participants know about the researcher? e.g. personal goals, reasons for doing the research	18
Interviewer characteristics	8	What characteristics were reported about the interviewer/facilitator? e.g. Bias, assumptions, reasons and interests in the research topic	N/A
Domain 2: Study design			
<i>Theoretical framework</i>			
Methodological orientation and Theory	9	What methodological orientation was stated to underpin the study? e.g. grounded theory, discourse analysis, ethnography, phenomenology, content analysis	19
<i>Participant selection</i>			
Sampling	10	How were participants selected? e.g. purposive, convenience, consecutive, snowball	18
Method of approach	11	How were participants approached? e.g. face-to-face, telephone, mail, email	18
Sample size	12	How many participants were in the study?	21
Non-participation	13	How many people refused to participate or dropped out? Reasons?	21
<i>Setting</i>			
Setting of data collection	14	Where was the data collected? e.g. home, clinic, workplace	21
Presence of non-participants	15	Was anyone else present besides the participants and researchers?	N/A
Description of sample	16	What are the important characteristics of the sample? e.g. demographic data, date	21
<i>Data collection</i>			
Interview guide	17	Were questions, prompts, guides provided by the authors? Was it pilot tested?	48
Repeat interviews	18	Were repeat interviews carried out? If yes, how many?	N/A
Audio/visual recording	19	Did the research use audio or visual recording to collect the data?	19
Field notes	20	Were field notes made during and/or after the interview or focus group?	N/A
Duration	21	What was the duration of the interviews or focus group?	21
Data saturation	22	Was data saturation discussed?	21
Transcripts returned	23	Were transcripts returned to participants for comment and/or	N/A

Topic	Item No.	Guide Questions/Description	Reported on Page No.
		correction?	
Domain 3: analysis and findings			
<i>Data analysis</i>			
Number of data coders	24	How many data coders coded the data?	21
Description of the coding tree	25	Did authors provide a description of the coding tree?	22
Derivation of themes	26	Were themes identified in advance or derived from the data?	21
Software	27	What software, if applicable, was used to manage the data?	19
Participant checking	28	Did participants provide feedback on the findings?	N/A
<i>Reporting</i>			
Quotations presented	29	Were participant quotations presented to illustrate the themes/findings? Was each quotation identified? e.g. participant number	23-35
Data and findings consistent	30	Was there consistency between the data presented and the findings?	37
Clarity of major themes	31	Were major themes clearly presented in the findings?	37;39
Clarity of minor themes	32	Is there a description of diverse cases or discussion of minor themes?	23-36

Developed from: Tong A, Sainsbury P, Craig J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*. 2007. Volume 19, Number 6: pp. 349 – 357

Once you have completed this checklist, please save a copy and upload it as part of your submission. DO NOT include this checklist as part of the main manuscript document. It must be uploaded as a separate file.

Apêndice 9 – CASP (Critical Appraisal Skills Programme) Checklist



CASP Checklist: 10 questions to help you make sense of a **Qualitative** research

How to use this appraisal tool: Three broad issues need to be considered when appraising a qualitative study:

- ▶ Are the results of the study valid? (Section A)
- ▶ What are the results? (Section B)
- ▶ Will the results help locally? (Section C)

The 10 questions on the following pages are designed to help you think about these issues systematically. The first two questions are screening questions and can be answered quickly. If the answer to both is “yes”, it is worth proceeding with the remaining questions. There is some degree of overlap between the questions, you are asked to record a “yes”, “no” or “can’t tell” to most of the questions. A number of italicised prompts are given after each question. These are designed to remind you why the question is important. Record your reasons for your answers in the spaces provided.

About: These checklists were designed to be used as educational pedagogic tools, as part of a workshop setting, therefore we do not suggest a scoring system. The core CASP checklists (randomised controlled trial & systematic review) were based on JAMA 'Users' guides to the medical literature 1994 (adapted from Guyatt GH, Sackett DL, and Cook DJ), and piloted with health care practitioners.

For each new checklist, a group of experts were assembled to develop and pilot the checklist and the workshop format with which it would be used. Over the years overall adjustments have been made to the format, but a recent survey of checklist users reiterated that the basic format continues to be useful and appropriate.

Referencing: we recommend using the Harvard style citation, i.e.: *Critical Appraisal Skills Programme (2018). CASP (insert name of checklist i.e. Qualitative) Checklist. [online] Available at: URL. Accessed: Date Accessed.*

©CASP this work is licensed under the Creative Commons Attribution – Non-Commercial-Share A like. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/> www.casp-uk.net

Paper for appraisal and reference:

Section A: Are the results valid?

1. Was there a clear statement of the aims of the research?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

- HINT: Consider
- what was the goal of the research
 - why it was thought important
 - its relevance

Comments: The objectives of the study are clear, as is the importance of this study.

2. Is a qualitative methodology appropriate?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

- HINT: Consider
- If the research seeks to interpret or illuminate the actions and/or subjective experiences of research participants
 - Is qualitative research the right methodology for addressing the research goal

Comments: The qualitative methodology is the most appropriate, as it is about obtaining information about the experiences, motivations, interactions and impact of volunteers in a particular context.

Is it worth continuing?

3. Was the research design appropriate to address the aims of the research?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

- HINT: Consider
- if the researcher has justified the research design (e.g. have they discussed how they decided which method to use)

Comments: Thematic analysis method was used, being the most adequate for the objectives of this study. Furthermore, the reason for choosing this method over others was explained.

4. Was the recruitment strategy appropriate to the aims of the research?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

HINT: Consider

- If the researcher has explained how the participants were selected
- If they explained why the participants they selected were the most appropriate to provide access to the type of knowledge sought by the study
 - If there are any discussions around recruitment (e.g. why some people chose not to take part)

Comments: The process and how the participants were contacted were explained, as well as the inclusion criteria used. Information about the number of participants is present.

5. Was the data collected in a way that addressed the research issue?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

HINT: Consider

- If the setting for the data collection was justified
- If it is clear how data were collected (e.g. focus group, semi-structured interview etc.)
- If the researcher has justified the methods chosen
 - If the researcher has made the methods explicit (e.g. for interview method, is there an indication of how interviews are conducted, or did they use a topic guide)
 - If methods were modified during the study. If so, has the researcher explained how and why
 - If the form of data is clear (e.g. tape recordings, video material, notes etc.)
 - If the researcher has discussed saturation of data

Comments: Data were obtained through individual semi structured interviews with the aid of a semi structured interview guide. It is possible to find information about how the data was stored, in this case, the interviews were audio-recorded and the information about the saturation point is clear.

6. Has the relationship between researcher and participants been adequately considered?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

HINT: Consider

- If the researcher critically examined their own role, potential bias and influence during (a) formulation of the research questions (b) data collection, including sample recruitment and choice of location
- How the researcher responded to events during the study and whether they considered the implications of any changes in the research design

Comments: It is known how the first contact was made, and it is mentioned that the author did not know any of the interviewees prior to the interviews.

Section B: What are the results?

7. Have ethical issues been taken into consideration?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

HINT: Consider

- If there are sufficient details of how the research was explained to participants for the reader to assess whether ethical standards were maintained
- If the researcher has discussed issues raised by the study (e.g. issues around informed consent or confidentiality or how they have handled the effects of the study on the participants during and after the study)
- If approval has been sought from the ethics committee

Comments: The study received a favorable opinion from the Ethics Committee CHUP/ICBAS from the University of Porto.

8. Was the data analysis sufficiently rigorous?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

HINT: Consider

- If there is an in-depth description of the analysis process
- If thematic analysis is used. If so, is it clear how the categories/themes were derived from the data
- Whether the researcher explains how the data presented were selected from the original sample to demonstrate the analysis process
- If sufficient data are presented to support the findings
 - To what extent contradictory data are taken into account
- Whether the researcher critically examined their own role, potential bias and influence during analysis and selection of data for presentation

Comments: It explains how the codes were obtained and how they were revised. A table with the themes and subthemes obtained through the thematic analysis method is present.

9. Is there a clear statement of findings?

Yes	☒
Can't Tell	☐
No	☐

HINT: Consider whether

- If the findings are explicit
- If there is adequate discussion of the evidence both for and against the researcher's arguments
- If the researcher has discussed the credibility of their findings (e.g. triangulation, respondent validation, more than one analyst)
- If the findings are discussed in relation to the original research question

Comments: The study's findings are clear and are in agreement with other studies in the literature on the same topic.

Section C: Will the results help locally?

10. How valuable is the research?

HINT: Consider

- If the researcher discusses the contribution the study makes to existing knowledge or understanding (e.g. do they consider the findings in relation to current practice or policy, or relevant research-based literature)
- If they identify new areas where research is necessary
- If the researchers have discussed whether or how the findings can be transferred to other populations or considered other ways the research may be used

Comments: The results obtained are relevant, as the fundamental points of the study and the implications of the study for practice, policy and research are addressed.

Apêndice 10 – *Frontiers in Psychiatry – The Experience of Volunteers in Prisons in Portugal: A Qualitative Study*



The Experience of Volunteers in Prisons in Portugal: A Qualitative Study

Mónica Salselas^{1*} and Mariana Pinto da Costa^{1,2,3}

¹ Institute of Biomedical Sciences Abel Salazar (ICBAS), University of Porto, Porto, Portugal, ² Institute of Psychiatry, Psychology & Neuroscience, King's College London, London, United Kingdom, ³ South London and Maudsley NHS Foundation Trust, London, United Kingdom

OPEN ACCESS

Edited by:

Vivek Furtado,
University of Warwick,
United Kingdom

Reviewed by:

Nubia G. Uluberes,
University of Texas Medical Branch at
Galveston, United States
Francis Theise A. Cimene,
University of Science and Technology
of Southern Philippines, Philippines
Pamela Valera,
Rutgers Biomedical and Health
Sciences, United States

*Correspondence:

Mónica Salselas
monicasalselas@gmail.com

Specialty section:

This article was submitted to
Forensic Psychiatry,
a section of the journal
Frontiers in Psychiatry

Received: 16 September 2021

Accepted: 17 November 2021

Published: 04 January 2022

Citation:

Salselas M and Pinto da Costa M
(2022) The Experience of Volunteers in
Prisons in Portugal: A Qualitative
Study. *Front. Psychiatry* 12:778119.
doi: 10.3389/fpsy.2021.778119

Background: Portugal is one of the countries that has a legal framework for volunteering, and there are different associations to support inmates through volunteering support. This volunteering can be beneficial for prisoners to address their social isolation and supporting them in the acquisition of skills and competencies to help them during their time in prison, but also beyond, supporting them in their resocialization and social reintegration in the community. However, little is known about the experiences of volunteers that provide such support to inmates.

Methods: Semi-structured interviews were conducted to explore the experiences and motivations of volunteers who interact with prisoners in the prison context of the three main cities in Portugal (Coimbra, Lisbon, and Porto). The interviews were audio-recorded, transcribed, and analyzed using the thematic analysis method.

Results: Thirty-nine prison volunteers agreed to participate in this study ($n = 24$ women, $n = 15$ men), with two to thirty years of experience of volunteering. The main themes emerging from the analysis were "Different motivations to volunteer", "Volunteers" interactions with inmates, "Volunteers" interactions with prison staff, "Volunteering in prisons has an impact on volunteers", "Volunteers" perception of helping inmates' and "More support to volunteering in prisons".

Conclusions: Community volunteers who support prisoners can develop positive and trusting relationships with the inmates, despite its challenges. These findings can raise awareness of volunteering in prisons as a potentially helpful intervention, and call for further research to better explore its long-term impact.

Keywords: volunteering, prisons, inmates, Portugal, qualitative research, experiences, social stigma

INTRODUCTION

Volunteering in Portugal has been done since pre-industrial times with carers providing support to families who required assistance, or driven by religious and spiritual beliefs that motivated people to do good and help others (1, 2). Before the appearance of the "Santas Casas da Misericórdia" (Holy Houses of Mercy) in the 15th century, the "need to help" of the Portuguese population was answered through the provision of support in shelters, or through the provision of food from markets (1). Currently, volunteering can be done in various settings and targeting different groups, such as

street volunteering, hospital volunteering or volunteering to support the elderly (3). Volunteering in prisons is neither the first option (1, 3–6), nor very common, and there is little awareness of it in Portugal (5, 7). People in the general population tend to be surprised when they learn that it is possible to volunteer in prison establishments, which are often the target of stigma (8).

The reality of volunteering in prisons has been explored across Europe in the project VOLPRIS (Prison Managing Volunteers in Europe) in five countries: Germany, Belgium, Poland, Portugal and Romania. The objective of VOLPRIS is to invest in the management of volunteering in the context of prisons, in order to positively impact not only the volunteers, but also the inmates' recidivism rates (7). This study conducted in seventy-nine prisons in these five countries reported data on volunteering in prisons: the importance of volunteering projects, the importance of the role of volunteers in the well-being of prisoners, the need for specific and adequate training, and the relationship between volunteers and prison staff (7). Some recommendations were made further to this study, such as: (i) promoting more research to demonstrate the diversity of volunteering projects in prisons and the impact that they have on social reintegration, (ii) improving the conditions for carrying out volunteering activities in prison establishments, and (iii) providing more information about volunteering opportunities in prison facilities (7).

Volunteers have an important effect on the inmates' attitudes, not only during their time in the prison, but also in the process of reintegrating inmates into society (9–11). Research conducted in Hong Kong (9) and the Netherlands (12) reported that volunteering in a prison context brings benefits not only to the volunteers, but also to the inmates themselves (9, 12). A study in the United States of America (USA) highlighted that whilst volunteers had positive attitudes toward prisoners and prison staff, the beginning of these interactions was marked by some mistrust (13). In contrast, according to a study carried out in Norway (14) the inmates showed positive attitudes toward prison staff and college students. Among the students, those who studied in the business economics area perceived prisoners in a more negative way than the healthcare students (14). This is similar to the results of a study in Australia (15), where medical students recognized the challenges and advantages of working in prison as a doctor, namely for the rejection of stereotypes. Studies carried out in Hong Kong (9), the Netherlands (12), Canada (16) and the USA (13) highlight that what led volunteers to become involved in prison volunteering contributed to the way they play their role as volunteer. The importance of visits made by volunteers, giving inmates opportunities to have different conversations and being away from the usual prison environment has also been highlighted (12).

In Portugal prison services also focus on the inmates' rehabilitation, using interventions to prepare the individuals for the moment of their release from prison (17). In this way, volunteers also play an important role in the resocialization process of inmates (17). To start volunteering in a prison environment, it is necessary to go through a selection process. This process involves two phases: (i) an initial selection by the

organization who promotes the volunteering work (i.e., initial interview aimed at identifying the motivations, expectations and psychological characteristics of the person applying for the role of volunteer) and (ii) a final selection of the volunteer by the receiving organization (i.e., interview carried out in the prison by the volunteer manager technician and verification of the volunteer's profile) (18).

Portugal is one of the countries that has specific legislation for volunteering. The legal framework for volunteering (Law No. 71/98, of November 3rd) contains the main rights, duties and the institution principles that volunteers must follow (19). This legislation aims to promote and guarantee citizens the right to participate in the various activities, and to promote the freedom and flexibility associated with them (1, 19). The existence of this legal framework shows the importance of recognizing volunteering in Portugal, as well as the interest of the various entities promoting volunteering to support inmates, who are not in the habit of receiving many visitors, through various interventions (programs, activities and solidarity visits) which may help in combating their isolation (19). This law is an important instrument allowing volunteering to be qualified and socially recognized, by describing the legal rights of volunteers (19, 20). The previous legal diplomas that addressed this topic (i.e., Decree-Law No. 35108, of November 7th; Decree-Law No. 168/93, of May 11th) indicated the existence of solidarity projects that attract people to join volunteering (1), but the details about the rights and duties of volunteers, the definition of volunteering and the entities that promote volunteering were clearly defined in the Law No. 71/98, of November 3rd.

According to the Portuguese Annual Report of 2019 on Volunteering Activities of the Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, there was an increase in solidarity visits, with 8,190 inmates receiving visits from volunteers and 1,968 people providing support as volunteers (5). However, between 2015 and 2019, volunteering in prisons has dropped across several intervention areas, including educational or training activities, cultural and artistic activities, and the promotion of sport and healthy lives (4, 5).

Since March 2020, due to the COVID pandemic, volunteering activities in the prison context have been suspended, as well as visits made by family members (21). However, within the remit of volunteering support in the context of prisons, the area of "Offer of Goods" experienced an increase during the pandemic. This was likely due to the suspension of visits made by family members since normally through them, the inmates received clothing and other essential goods (21).

The lack of knowledge in this area requires further attention. Thus, this study has aimed to: (i) explore the volunteers' motivations and the reasons that led them to volunteer in the prison environment; (ii) explore the interactions between volunteers and the inmates and prison staff and (iii) explore the individual impact that volunteering in prisons had on the lives of the volunteers. This study set out to investigate the research question: "What are the motivations for, and the experiences of, volunteers who interact with inmates in a prison context?"

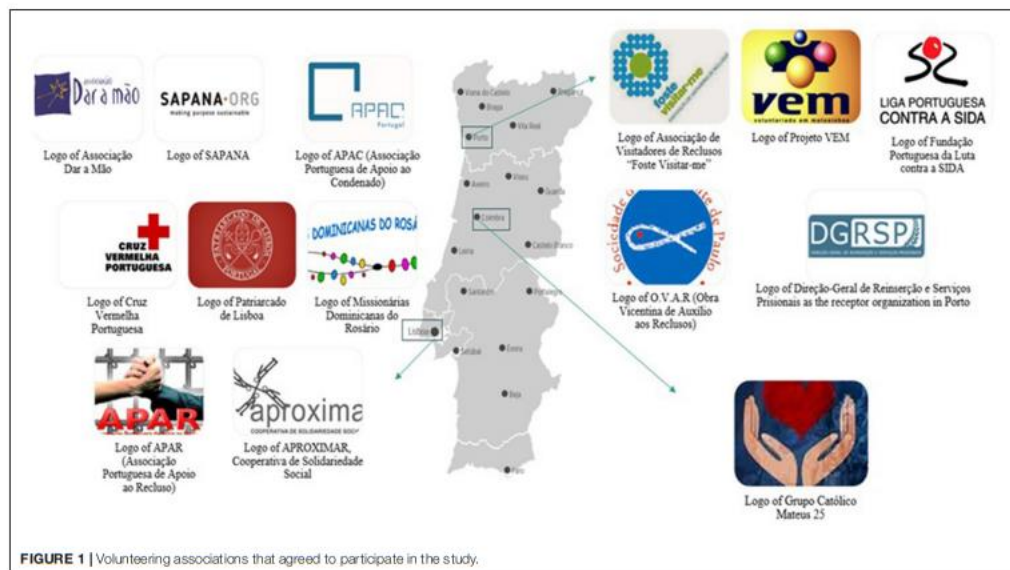


FIGURE 1 | Volunteering associations that agreed to participate in the study.

METHODS

Settings and Participants

Twenty-one organizations promoting volunteering in Portugal were contacted to carry out this study, of which fourteen agreed to participate. These organizations were located in the cities of Coimbra ($n = 1$), Lisbon ($n = 8$), and Porto ($n = 5$), and were selected based on their involvement in prison-based volunteering programmes (Figure 1).

The researcher (MS) contacted the representatives of the volunteering associations, providing them with information about the investigators, the purpose of this study, a brief description of the methods used and contact details for possible questions or concerns that could arise later. The participant information sheet with additional details about the study was sent via email to the respective representatives of each association, as well as a letter of support for the dissemination of the project to the volunteers of each association. It should be noted that until the time of the interviews, the authors did not know any of the participants. The only inclusion criterion considered was that the participants had volunteered in prisons (i.e., had participated in some activity or volunteering program with prisoners).

Data Collection and Analysis

For this study, the semi-structured interview guide from Kort-Butler & Malone, 2014 (13) was translated into Portuguese, adapted and used to assist the interviews (Appendix 1). The researcher (MS) conducted the individual semi-structured interviews exploring the motivations that led to the involvement of participants in volunteering in prisons, the interactions that the volunteers established with the inmates and with the prison

staff, and the impact of volunteers in the inmates and on themselves. Sociodemographic information was also collected (Appendix 2).

Due to the Covid pandemic, interviews were primarily planned to take place remotely or where possible, in person. The interviews were conducted by a female researcher (MS) and took place in a quiet location chosen by the participants. The data was analyzed through thematic analysis as outlined by Braun and Clarke (22) with the assistance of the QSR International Nvivo 12 software. The names of the volunteers were eliminated and replaced by numbers in order to protect their privacy. The initial codes were later organized and placed into themes. The themes were based on the scientific question, were again revised, and organized by the researchers (MS, who has a degree in criminology and MPC, who is a psychiatrist). The interviews were conducted in Portuguese, as well as the data analysis (Appendix 3). The sub-themes and themes as well as the quotes were translated into English by the researchers to be reported in this publication. The COREQ guidelines were followed for the study reporting (Appendix 4).

RESULTS

Forty-eight volunteers were contacted via email, and thirty-nine agreed to participate in this study. The volunteers interviewed from Coimbra, Lisbon and Porto consisted of twenty-four females and fifteen males, with an age that ranged between 26 to 76 years old. Their time of experience of volunteering in the prison context ranged from 6 to 10 years. None of the volunteers mentioned having served time in prison at any point in their lives. The interviews were conducted between



March and July 2021, and ranged in duration from 17 min to 1 h and 46 min (with a mean of 52 min). The saturation point was reached at the end of the 39 interviews, since the information obtained in the last interview no longer included new data.

Only three interviews were conducted in person, the remaining 36 interviews were carried out through different platforms: Zoom ($n = 23$), Phone call ($n = 7$), WhatsApp ($n = 4$), Microsoft Teams ($n = 1$) and Google Meet ($n = 1$). The interviews were audio-recorded using the respective platform's recording system and later transcribed verbatim by the researcher (MS).

Volunteers reported in which prisons they provided support to inmates, in a total of 14 prisons throughout the country. Figure 2 provides information about the prison establishments mentioned by the volunteers of where they volunteered, and how many volunteers supported each prison in this sample, with some volunteers supporting inmates from more than one prison (Figure 2).

There were six emergent themes in this data analysis: "Different motivations to volunteer", "Volunteers' interactions with inmates", "Volunteers' interactions with prison staff", "Volunteering in prisons has an impact on volunteers",

"Volunteers' perception of helping inmates" and "More support for volunteering in prisons" (Table 1).

Different Motivations to Volunteer

The volunteers described different reasons to become involved in volunteering in prisons (Table 2). Most volunteers had previous experience with other types of volunteering, although some volunteers chose to start volunteering in prisons to occupy their free time. Reasons ranged from religious faith, the need to help others, a recommendation made by someone, or the opportunity to volunteer in a prison, perceiving it as a way to get out of their comfort zone.

To Occupy Their Time

Volunteers said that after retiring, they had more free time, and began volunteering as an option to occupy them.

Religious Faith

Religious belief was a common motivation for volunteering. However, volunteers stated that they did not go to visit prisoners in order to impose their beliefs and values on the inmates, but to aid inmates whilst following prison rules.

TABLE 1 | Themes and subthemes.

Themes	Different motivations to volunteer	Volunteers' interactions with inmates	Volunteers' interactions with prison staff	Volunteering in prisons has an impact on volunteers	Volunteers' perception of helping inmates	More support for volunteering in prisons
Subthemes	To occupy their time Religious faith Need to help Previous experiences of volunteering Recommended by someone Opportunity to volunteer in prison emerged	Positive interaction with the inmates in prison Gaining trust with inmates Having better communication with the inmates Spending time out of prison during short-term outs	Prison staff initially suspicious of the volunteers Volunteers initially seen as obstacles by prison guards The volunteers' interactions with the prison guards improved with time and became cordial The prison environment was hard The volunteer managers were very accessible to the volunteers	Changing the volunteers' perspectives Force the volunteers to manage their expectations Relativization of volunteers' problems	Acquisition of skills Break in the routine A bridge between the inmates and their families A social bond with the outside world	Providing training and access to support to volunteers Careful selection of people who volunteer in prisons Improve prison conditions for carrying out volunteering activities Improve the relationship between volunteering associations and prison establishment Improve the image of the incarcerated population in society, and promote their reintegration

TABLE 2 | Different motivations to volunteer quotes.

Different motivations to volunteer	
To occupy their time	"I retired and had some availability. As I had free time, I ended up going to an initial meeting [...]" (Volunteer 39) "[...] that's how I started, a little bit in order to help, to occupy my time in favor of something bigger" (Volunteer 10)
Religious faith	"Volunteering in a prison context arises, it is a consequence of my Catholic Faith" (Volunteer 16) "[...] it was a little bit also because of my religion because I have a Christian background [...]" (Volunteer 10)
Need to help	"I always had this need to want to help other people" (Volunteer 37) "I felt there was a need to have a complementary commitment to society" (Volunteer 06) "Thinking that I could help in some way, that is, that I could give a better contribution to giving to people who were experiencing a moment of suffering" (Volunteer 02)
Previous experiences of volunteering	"Volunteering had already started earlier, but in other types of projects" (Volunteer 15) "Volunteering has always stayed with me, and I have always volunteered afterwards throughout my life" (Volunteer 31) "The world of prisons has always been present in my life, starting with my father [who worked as a doctor in prison] who told incredible stories of cases of inmates and then the volunteer work I did when I was 18 years old which marked me a lot too." (Volunteer 01)
Recommendation of someone	"It's funny because it was a friend who came to me and said – look, I think I have a proposal that you'll like – [...]" and as I had a flexible work schedule, I decided to give a try." (Volunteer 17) "It was at the suggestion of a friend of mine" (Volunteer 08) "[...] after I graduated, I went to work for the office of a lawyer who was the leader of a group of visitors in the prison establishment of Lisbon and he invited me to participate in that group." (Volunteer 29)
Opportunity to volunteer in a prison emerged	"I had no motivation [specific], it was more that of leaving my comfort zone" (Volunteer 09) "It never crossed my mind to go into prison volunteering" (Volunteer 14)

Need to Help

Volunteers described a commitment to society and a need to help the inmates. Throughout the interviews volunteers showed great concern for the prisoners.

Previous Experiences of Volunteering

Previous experience of volunteering was common among volunteers. This involvement in volunteering led volunteers to be willing to continue their role as volunteers in settings or populations with whom they did not have experience before, such as in a prison context.

Recommendation of Someone

The involvement in volunteering in the prison context for some volunteers emerged from recommendations made by friends or family or their mentor, either through knowledge of the associations, or through their own experience in volunteering.

Opportunity to Volunteer in a Prison Emerged

Uncommonness contributes significantly to the lack of public awareness of prison volunteering opportunities. Some volunteers report that they had no prior intentions of volunteering in a

prison. However, when this opportunity to volunteer in a prison emerged, volunteers appreciated leaving their comfort zone.

Volunteers' Interactions With Inmates

By volunteering in a prison context, volunteers gain new perspectives through their interactions with inmates and the relationships they develop with them. This relationship had a positive evolution as volunteers maintain a repeated and constant presence, being able to communicate with prisoners without prejudice or judgement (Table 3).

Positive Interaction With Inmates in the Prison

The relationship that volunteers developed with prisoners is mostly positive. However, volunteers described the need to resort to conversation unblockers to break the ice as a way to start talking to the inmates and gain their confidence. Volunteers described individual characteristics that they deemed volunteers should have to reach out to inmates, such as the ability to listen, honesty, sincerity, equal treatment and the ability not to judge. Volunteers considered that having an open and unprejudiced attitude toward inmates facilitated these interactions.

Gaining Trust With the Inmates

As in any other context, to create some kind of relationship it is necessary to build trust, which cannot be done overnight. With the prison population, the care and time taken to gain confidence is different, as inmates tend to be naturally suspicious.

Having Better Communication With the Inmates

Volunteers presence in the prisons becomes frequent, which means that as the conversations gain more weight and the trust is built, the inmates end up mentioning life situations that they do not mention with their cellmates.

Spending Time Out During Short-Term Outs

Some prisoners are allowed by the prison director to go outside the prison for a short period of time. During this period, and in certain situations, inmates may be accompanied by volunteers. In these cases, this monitoring is often done with the same inmates for some time, contributing to the establishment of a positive interaction between volunteers and inmates outside the prison.

Volunteers' Interactions With Prison Staff

In addition to the contact that volunteers have with inmates throughout their voluntary work, they also gain knowledge about the prison system itself through the relationship they create with prison staff (Table 4).

Prison Staff Initially Suspicious of the Volunteers

Before there is any interaction with the inmates, volunteers must have contact with prison guards, particularly when entering and leaving the prison. This first contact was not always positively

described. At an early stage, volunteers described this interaction as cold, with some suspiciousness from prison guards, who were distant and sometimes even posed obstacles to volunteers when entering in the prison establishment.

Volunteers Initially Seen as Obstacles by Prison Guards

At the beginning, due to the distance that the guards kept from the volunteers and the strangeness of their presence in the prison, some volunteers said that they felt perceived as obstacles by the prison guards. They also felt that they could be hindering the work performed by the prison guards themselves.

The Volunteers' Interactions With Prison Guards Improved With Time and Became Cordial

The interactions between volunteers and prison guards evolved over time, and the initial problems mentioned no longer existed. Volunteers stated that after the first volunteering sessions, the prison guards became more accessible, increasingly trusting the volunteers, being positive in their interactions, and treating them with cordiality and mutual respect and, that they were more satisfied and committed to continue volunteering.

The Prison Environment Was Hard

Volunteers described the environment within the prison as hard. The structure and buildings of prison establishments are old, and they have few conditions for proper spaces adequate for volunteering activities.

The Volunteer Managers Were Very Accessible to the Volunteers

Although contact in the prison was mostly between the inmates and prison guards, the volunteers also maintained contact with the volunteer managers, the technicians who oversee the volunteering work, although less frequently. This interaction established with the volunteer managers was described as very positive with the technicians showing themselves to be quite accessible to the volunteers.

Volunteering in Prisons Has an Impact on Volunteers

Volunteering in a prison context is a less known reality in the general population in Portugal. However, as the contact with this reality increases and, consequently, the contact with the inmate population, the impact that this volunteering causes in the lives of volunteers increases (Table 5).

Changing the Volunteers' Perspectives

The contact with other realities different from the one that the volunteers lived in made them gain other perspectives. They described realizing that there are other realities outside their professional and personal environment that, until they had contact with the inmates and heard their stories, they were unaware of.

TABLE 3 | Volunteers' interactions with inmates quotes.

Volunteers' interactions with inmates	
Positive interaction with inmates in the prison	<i>"The relationship had to be based on truth, with honesty, without paternalism, without being top-down: and that I realized early on, and I think I always tried to have that, so I think the relationship was always quite easy, with equal treatment" (Volunteer 25)</i> <i>"An attitude of honesty, loyalty is necessary; not to be little the trust they place in us at all, never in any way;" (Volunteer 33)</i>
Gaining trust with inmates	<i>"[...] an inmate who said that we were very important because by going there every week we showed that we had confidence in him and he said that the inmates had no confidence in anyone, neither them nor anyone else [...]" (Volunteer 07)</i> <i>"The conversations I have with them, I often tell them my faults, it gives them this confidence that they are not abnormal but people who when further than they were supposed to go, but from now on is getting that and transform and then they start having this conversation" (Volunteer 33)</i>
Having better communication with the inmates	<i>"If there are questions, I mean that environment is always explosive because we're always finding people with very different characteristics and who are forced to live in those spaces and conditions, so I think calm is something that doesn't live inside these spaces, but we at least when we're there, we try to make thoughts fly elsewhere [...]" (Volunteer 31)</i> <i>"The relationship that is established is therefore a relationship of knowledge, it is a person who is introduced to us and to whom we introduce ourselves, and from there we start a conversation that is marked by the space of the solidarity visit, it is a space of freedom as essential [...]" (Volunteer 22)</i>
Spending time out of prison during short-term outs	<i>"I make the authorized visit to the exterior of the prison. [...] Basically, we are responsible for those who have the right to make these precarious outings, we pick them up and go out one afternoon with them, we have lunch, and we stay until mid-afternoon with them. [...] We have a great connection, we've known them for a few years." (Volunteer 04)</i>

TABLE 4 | Volunteers' interactions with prison staff quotes.

Volunteers' interactions with prison staff	
Prison staff initially suspicious of the volunteers	<i>"The beginning was a bit troubled because they were very suspicious, cold people and a bit rigid" (Volunteer 38)</i> <i>"At first they were very suspicious [of the volunteers]" (Volunteer 39)</i>
Volunteers initially seen as obstacles by prison guards	<i>"[...] but in most of them, I'll be honest with you, what passes for us is that they don't see us as an asset, it's almost more of an obstacle." (Volunteer 10)</i> <i>"[...] having a relationship with them that helps to undo this foreign body idea, but some have difficulty empathizing, some are easier" (Volunteer 03)</i>
The volunteers' interactions with the prison guards improved with time and were aimed as cordial	<i>"There was a very interesting evolution. Even in the first phase, we saw the guards almost as an obstacle to accessing the inmates and they also saw us with some disdain, with some reserve. Then we realized that when we go to visit everyone in the prison, we're going to visit the guards, the auxiliaries we come across, and all of them. [...] So, we're going to visit the prison environment, we're going to visit the inmates, we're going to visit the guards who protect them and everyone else there included, and that completely changed the relationship. Over time, it changed [the relationship with the prison guards]." (Volunteer 03)</i> <i>"My relationship with the guards is a very respectful one" (Volunteer 34)</i> <i>"Our relationship tries to be as cordial and correct as possible, we try to be close to them" (Volunteer 03)</i>
The prison environment was hard	<i>"The one that impressed me the most was [...] a high [special] security jail, where the inmates are locked 23 hours, you can't hear a fly, it's a horrible thing. I did interviews with inmates, only one agreed and then I also had a meeting with him alone. It was a bit complicated because they put me in a room with him that you can only leave when you press a button. So that was a little tense" (Volunteer 11)</i> <i>"I was with them [inmates] in a room where humidity was falling. [...] water was running down the walls, so this is not a pleasant environment, let's say [...]. I think there should be rooms to be with people, I didn't take off my coat inside, it was a complete ice." (Volunteer 19)</i> <i>"[...] life inside the prison establishment is horrible. It's horrible, look, the prison corridors [...] are immense, very wide, tall and on winter days, the fog that is outside is inside; the humidity that is outside is inside [...]" (Volunteer 03)</i>
The volunteer managers were very accessible to the volunteers	<i>"With the techniques, with one or the others, friendship was even created, but I'm always staying in line here. A friendship relationship was created" (Volunteer 35)</i> <i>"I also have a positive relationship with the technicians." (Volunteer 37)</i> <i>"[...] they are fantastic and even when we need something to enter material for the sessions, we are always careful not to take things that are dangerous, but I don't think I remember ever asking for anything that has been denied." (Volunteer 15)</i> <i>"It was great, it was a very good relationship, and she was a very interested person. I spoke with her, and we always combined things with a view to improving what was possible to improve the body of the choir. [...]" (Volunteer 36)</i>

Forcing the Volunteers to Manage Their Expectations

Volunteers said that managing their own expectations was one of their biggest challenges. They recognized that they could only help in very few things because the inmate's reality does not depend on the volunteers.

Relativization of Volunteers' Problems

With the experience of volunteering in a prison context, the volunteers said that they ended up relativizing certain problems. This relativization led them, in a way, to reformulate their priorities, not taking things for granted in their own lives.

TABLE 5 | Volunteering in prisons has an impact on volunteers' quotes.

Volunteering in prisons has an impact on volunteers	
Changing the volunteers' perspectives	"I realize that my reality is not the only one and it is always known as much as any experience outside its context does. That's why I think that's it, it gives greater social opening, I'm more aware of the realities that exist and the situations of injustice that also exist" (Volunteer 25) "Every contact with a reality different from ours helps us to create the possibility of empathy and, I don't know, opens up a bit of the world and our heads to understand other realities" (Volunteer 25)
Forced the volunteers to manage their expectations	"That expectation of if it is possible to collaborate for a person to reintegrate into society, we are always with this expectation, although that is not what we expect" (Volunteer 08) "Go and wait for nothing, go and just be with them and nothing else. [...] It's not expecting anything from them but giving them a different morning" (Volunteer 07)
Relativization of volunteers' problems	"We relativize much more certain things that happen to us in life" (Volunteer 26) "We put things in the right priority. [...] We give more value to exactly what we have and what we normally take for granted" (Volunteer 15)

TABLE 6 | Volunteers' perception of helping inmates' quotes.

Volunteers' perception of helping inmates	
Acquisition of skills	"Relieving tension, being busy. Some learn professions and how to be useful to society through those contacts of the workshops that sell what they are producing." (Volunteer 34) "The tools help to establish dialogue, share ideas, until they get to know each other better" (Volunteer 28) "We tried to take some varied activities, from texts to something more practical for them to do too, for them to participate [...]" (Volunteer 24) "We always prepared a theme, a text, a dynamic to involve them and help them share, but individual conversation was also very important." (Volunteer 23)
Break in the routine	"It helps to get through that time and it's constructive, they're constructive. They get used to being in a group, having schedules, having discipline. The day-to-day routines and the weeks somehow, our projects were there breaking some routines" (Volunteer 17) "In order to give them some conviviality, some coexistence with the outside world that they did not have, not even the family visited them" (Volunteer 08) "It is important to contribute to making a little difference in their day" (Volunteer 37)
A bridge between the inmates and their families	"We often end up making the contact with the families and taking, or helping, family members to visit [...] and this happens, sometimes we sponsor the coming of a family [...] from Guarda or from another point of the country, so that they can come and visit the inmate that is in prison establishment of Tires." (Volunteer 17) "I was never afraid because I don't have reasons, [...] there is an ongoing conversation, and we usually collect phone numbers to call the families." (Volunteer 14) "We do a little this bridge between the inmates inside and the family outside and this is also very rewarding and it's something that doesn't cost us anything. Whatever we can do that is basic and harmless, we always try to help with the knowledge of the prison." (Volunteer 01)
A social bond with the outside world	"We are someone who comes from the outside and brings something new. [...] It is important that they have someone to talk to, someone outside the system" (Volunteer 02) "We are a little bit the window that opens for them, the window that comes from the outside and we bring there a little bit of encouragement, of hope, of trust" (Volunteer 01) "[...] in order to give them some conviviality, some coexistence with the outside world that they did not have, nor did the family visit them" (Volunteer 08)

Volunteers' Perception of Helping Inmates

Volunteers perceived volunteering in prisons as something positive in the lives of inmates, bringing them various benefits (Table 6).

Acquisition of Skills

Volunteers mentioned the importance of volunteering programs and activities, as these programs aim to teach inmates skills that could be useful for them in the future.

Break in Routine

To combat the routines in prison, these interactions with volunteers provide new opportunities, new routines, and new

schedules because the inmates are already counting on activities or visits on those days.

A Bridge Between the Inmates and Their Families

Volunteers end up being the contact between inmates and the outside world, particularly with families. Whenever possible and with the knowledge of the prison's management, volunteers could contact the inmates' families and even help with transporting so that families could visit their inmates in prison. Inmates are not always in a prison establishment close to their residence area, which sometimes makes it difficult for families to bear the costs of long journeys.

A Social Bond With the Outside World

The regular presence of volunteers in front of inmates contributes to the continued existence of social bonds despite inmates' confinement. Through visits and activities, volunteers end up having time with the inmates, where they can speak openly and without judgment, promoting communication and combating the isolation of inmates.

More Support to Volunteering in Prisons

Volunteers made some recommendations to improve the reality of volunteering in a prison context. These suggestions focus especially on maintaining a demanding training programme. Furthermore, volunteers also suggested that volunteering in this context be considered as a form of reintegration into society that can go beyond the prison establishment (Table 7).

Providing Training and Access to Support to Volunteers

Volunteers mentioned the importance of having detailed and ongoing training before entering the prison. Almost all volunteers received training before starting volunteering inside the prison establishment. In this setting, it is necessary to bear in mind the rules that exist and, to avoid future problems, volunteers should be mindful, aware, and prepared to possible situations that might happen so that they know how to deal with them in the best way.

Careful Selection of People Who Volunteer in Prisons

Volunteers considered that there should be a careful selection of volunteers with the necessary characteristics for someone to volunteer in a prison and to be able to communicate with the inmates. Prisons were described as a difficult and heavy environment, not everyone has the necessary qualities, nor can they adapt to the prison environment.

Improve Prison Conditions for Carrying Out Volunteering Activities

Volunteers referred to the improvement of conditions in places where volunteering activities take place. Prison establishments are normally places with a hostile environment and, to facilitate this volunteering, a favorable atmosphere should be created during these activities for inmates to abstract.

Improve the Relationship Between Volunteering Associations and Prison Establishment

Volunteers mentioned the importance of having a good relationship between volunteering associations and prison establishments so that the surrounding environment is one of union and organization. Besides, the relationship among the volunteering associations themselves is always important, facilitating dialogue and cooperation between them.

Improve the Image of the Incarcerated Population in Society, and Promote Their Reintegration

Volunteers recommended volunteering as a form of reintegration for inmates in the prison, but also to extend volunteering beyond the prison context to the moment of departure. Some volunteers supported greater contact with the prison population as a way to reduce the stigma associated with inmates and normalize their reality.

DISCUSSION

Key Findings

Volunteers emphasized the importance of adequate training in the preparation for volunteering in prisons, and that the volunteers should be carefully selected. Without this, boundaries can be unclearly defined, potentially leading to problems such as the emotional involvement with an inmate, manipulation or even loaning money.

The importance of the activities that are carried out with the inmates was also highlighted, since these are aiming to support prisoners to gain skills and competencies that will be useful for their reintegration process outside prison, to stimulate a process of introspection and establish short, medium, and long-term goals.

Volunteers perceive their role as impactful in the inmates, but also in the surrounding prison environment. After gaining the inmates' trust, it was possible for inmates to talk about matters with the volunteers that they would not want to talk to cellmates.

Strengths and Limitations

As far as we know, this is the first study in Portugal on volunteering in prisons. The study covered multiple areas: volunteers' motivations, the interactions that volunteers established with inmates and with professional staff, and the impact that this volunteering had on the lives of volunteers. Therefore, these findings add to a very limited literature base and hopefully set grounds for further work. The geographic coverage of this study is also a strength, as the volunteers belong to the main cities in Portugal providing us rich and detailed information about the phenomena.

The study has however some limitations. Firstly, the sample covers primarily volunteering associations based in urban areas and not in rural areas. Secondly, the volunteers were not directly asked if at any time they served a sentence in a prison or if they had a family member who has been incarcerated, which limits the understanding of the characteristics of these volunteers, and how individual factors may play a role in their motivation to volunteer in the prison setting. Finally, the perspectives in this study were only based on the volunteers' perspectives, and therefore the perception of inmates of these same interactions has not been investigated in this study.

TABLE 7 | More support to volunteering in prisons quotes.

More support to volunteering in prisons	
Providing training and access to support to volunteers	"Formations I think are very important, which is to give us the strength to go, to believe, to feel renewed in helping" (Volunteer 14) "The best way to improve volunteer activity is to maintain critical and ongoing training [...]" (Volunteer 06) "It was more the support they give us from the establishment. I think from them we don't have as much support as we should have" (Volunteer 10)
Careful selection of people who volunteer in prisons	"I recommended volunteering in the prison context only to people who have a set of very specific characteristics. [...] You have to be persistent, motivated individual with an extraordinary ability to listen." (Volunteer 22) "The volunteer has to have certain characteristics very strong to face such a challenge. Above all, knowing how to listen, not making judgments, [...] give opinion when necessary, keeping absolute secrecy, not entering into legal fields, they seem very simple things but are not for many people" (Volunteer 35) "You have to have a profile, you know?" We tend to accept people with some motor skills, who don't get too emotionally involved with the inmates, who are compliant, who are faithful, we're not exactly doing a job that anyone else can handle." (Volunteer 06)
Improve prison conditions for carrying out volunteering activities	"[...] in terms of facilities for the performance of activities, therefore there should be an institutional effort by the General Management to create, within the physical possibilities, conditions so that this volunteering could be done in a more fruitful way. Volunteering [...] is an external reality, has to adapt and adaptations and adjustments have to be made, and there are things that sometimes would benefit if they could be done in their own space and with proper conditions so there is a physical differentiation, that being a space of freedom within a space of reclusion." (Volunteer 22)
Improve the relationship between volunteering associations and prison establishment	"I am convinced that the relationship with entities in the prison system is important in volunteering in the prison context. [...] being able to break this barrier, in the sense of creating a good environment between prison entities and volunteer work, that I think was something to be done. This relationship with the prison structure is important, that would be the advice I would give - bet on the relationship with the prison structure." (Volunteer 08) "I think volunteering should put an end to the "chapels", there should be no "chapels", yes I have my organization and you have yours. This level of mutual help between associations as I see it, does not exist. If there was a union of volunteers [...] maybe we could change certain rules so that more dignified people, more human, would come out." (Volunteer 33) "Greater flexibility in terms of accreditation, the admission process for volunteers and spiritual assistant collaborators who are not really volunteer visitors is very time-consuming and this is sometimes discouraging." (Volunteer 22)
Improve the image of the incarcerated population in society, and promote their reintegration	"I would very much like the prison system to look at volunteering as a vehicle for reintegration. [...] I would like volunteering in general to be seen as another arm to help these people with their reintegration and sometimes it's not even reintegration, it's integrating them for the first time in life" (Volunteer 31) "Extended volunteering to post-prison" (Volunteer 02) "Given the prison reality, it is very important that this happens and that there is interaction between society and incarcerated society because it is really a section of the population that is totally isolated and doesn't have [contact], at least I've never had contact with it, it's a reality completely unfamiliar to the normal, so it is inevitable that the stigma lasts forever and that a person leaves and does not have opportunities." (Volunteer 25)

Comparison With the Literature

In our study, volunteers in the prison context in Portugal showed a very positive attitude toward inmates, demonstrating an easy attitude in their presence, without fear. This positive attitude toward inmates has also been found in research in other countries such as with volunteers in Canada, where the outcomes of a voluntary visits programme focusing on benefits to inmates, volunteers and prison staff were positive (16). Volunteering visits were beneficial not only for inmates, since these gave them the opportunity to talk safely and adopt a more optimistic view of the future, but also for the volunteers themselves since they felt more appreciative of their own quality of life (12, 16).

In this study, volunteers in prisons were mostly motivated by the greater availability and time in their lives, past experiences, and the need to help others. These same motivations were described in other research conducted in Southern states in the USA, where volunteers expressed their personal beliefs as one of the reasons for volunteering, sharing their blessing and values to the inmates, the commitment they felt toward volunteering

and toward the volunteers themselves also contributed to their involvement in volunteering in the prison context (13, 23). Similarly, another study conducted in the state of Minnesota in the USA acknowledged that when it comes to volunteering, volunteers feel the need to help others and express their values and beliefs as a way to show their concern with others (24). Likewise, in another study conducted in prisons in the state of Mississippi in the USA, most chaplains who were involved in the religious programs understood that their function was primarily to support, encourage and share their faith with the inmates. Chaplains' efforts were to use their presence to transmit messages of hope to inmates at times when they were confronted with the negativity and the difficulties of the prison environment (11).

Volunteers in this study said that volunteering in prisons is important, and that it can bring benefits to the inmates and to themselves. This perception was previously described in another study conducted in the state of Florida in the USA, where it was found that volunteer visits can have a positive influence on the

inmates, and influence their attitude while serving their sentence, contributing to the establishment of social relationships during incarceration (25, 26). A similar finding was reported in another study conducted in Hong Kong, emphasizing the importance of the role of volunteers during incarceration, where volunteers help inmates to build and improve their personal, family, and social relationships so that they can successfully re-enter in the society (10, 11).

Implications of the Findings for Practice, Policies, and Research

Our study shows that some actions are required to improve the volunteering in the prison context in Portugal, namely: (i) providing training and access to support to volunteers who volunteer in prisons, so that volunteers know from the beginning what they can and cannot do, always complying with the necessary rules and avoiding any type of complication within the prison establishment that could jeopardize their safety, the safety of inmates and even the professional staff, (ii) improve the organization and the cooperation between the volunteering organizations and the prison establishment, providing more support from the prison establishment by improving conditions within the prison, so that volunteer activities can take place as naturally as possible and trying to achieve new areas of intervention within prisons, for example providing administrative support to technicians through monitoring, organizing processes and activities, (iii) improve the relationship that exists between society and the prison population as a way of contributing to reintegration and reducing the social stigma that these people face after serving their sentence and (iv) providing greater financial support to entities to be able to support the costs or facilitate more resources for the development of volunteering opportunities. According to the Portuguese legal framework of volunteering (Law No. 71/98, of November 3rd), one of the rights of volunteers is the possibility of having voluntary social insurance (19). Therefore, in order to be able to support insurance, transport expenses and materials for activities, it is necessary that the entities have the required financial capacity (17).

Further research could investigate the perception of the inmates and the prison staff of volunteering in prisons, assess the proportion of people who volunteer in prisons and conduct follow-up studies to assess the long-term impact of volunteering in prisons for the inmates and for the volunteers themselves. Since the environment of different prisons may vary depending on their size or security level, future research should explore the differences in the provision of volunteering according to their level of security (low-security vs. high security) and prison size (small institutions with a few hundreds of inmates vs. larger jails with thousands of inmates).

REFERENCES

1. Serapioni M, Ferreira S, Lima TM. *Voluntariado em Portugal: Contextos, Atores e Práticas*. Fundação Eugénio de Almeida (FEA). (2013). p. 1–302.
2. Abreu P. *Volunteering in Portugal: Facts and Figures Report*. Brussels: CEV. (2008)
3. Almeida A, Ferrão J, Delicado A. *Caracterização do Voluntariado Social em Portugal*. Intervenção Social, (2002). p. 127–140.

CONCLUSIONS

This study outlines the volunteers' experiences of volunteering in prisons in Portugal, providing more information about this understudied area. Volunteers' motivations to support inmates in a prison vary from a wish to occupy their time and help other people, to having previous experiences of volunteering in other contexts or being encouraged by someone to volunteering in this setting. These findings show that, despite some challenges, the experiences of volunteers in the prison context in Portugal were largely positive. In fact, volunteers perceived their role as impactful to the inmates during their time in prison, supporting them in their reintegration into society, after serving their sentence, and also in themselves, changing their perspectives, their expectations and making volunteers relativize their own problems.

DATA AVAILABILITY STATEMENT

The original contributions presented in the study are included in the article/Supplementary Material. Further inquiries can be directed to the corresponding authors.

ETHICS STATEMENT

This study was reviewed and approved by CHUP/ICBAS Ethics Committee of the Institute of Biomedical Sciences Abel Salazar (ICBAS) at the University of Porto - ref: 2021/CE/P005 (P345/CETI/ICBAS). The participants provided their written informed consent to participate in this study.

AUTHOR CONTRIBUTIONS

MS and MPC conceived the study, analyzed the results, and wrote the paper. MS made all the contacts with the volunteers, performed the interviews, and led the analytic process. All authors contributed to the article and approved the submitted version.

ACKNOWLEDGMENTS

We would like to thank the support received in the Master on Legal Medicine at the Institute of Biomedical Sciences Abel Salazar (ICBAS) at the University of Porto. This article reports the researcher's Master work of MS under the supervision of MPC.

SUPPLEMENTARY MATERIAL

The Supplementary Material for this article can be found online at: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2021.778119/full#supplementary-material>

4. Jacinto LMJ. Evolução do voluntariado em Portugal (2002-2020). *Rev UI IPSantarém - Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*. (2020) 8:157-68.
5. Prisionais D-GdReS, Justiça Md. *Relatório de Atividades e Autoavaliações Atividades*. (2019).
6. PROACT. *Estudo de Caracterização do Voluntariado em Portugal. Trabalho para o Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado; Unidade de Investigação e Apoio Técnico ao Desenvolvimento Local, À Valorização do Ambiente e à Luta contra a Exclusão Social*. (2012). p. 59.
7. Aproximar CdSS, Straffälligenbetreuing VB. *Prisons Managing Volunteers in Europe - an insight into prisons' perceptions, needs and current practices*. (2020). p. 59.
8. Uggen C, Manza J, Behrens A. 'Less than the average citizen': Stigma, role transition and the civic reintegration of convicted felons. In: *After crime and punishment*. (2013). p. 279-311.
9. Chui WH, Cheng KK. Effects of volunteering experiences and motivations on attitudes toward prisoners: evidence from Hong Kong. *Asian J Criminol*. (2012) 8:103-14. doi: 10.1007/s11417-012-9148-9
10. Chui WH, Cheng KK. Self-perceived role and function of Christian prison chaplains and Buddhist volunteers in Hong Kong prisons. *Int J Offender Ther Comp Criminol*. (2013) 57:154-68. doi: 10.1177/0306624X11432128
11. Kerley KR, Matthews TL, Shoemaker J. A simple plan, a simple faith: chaplains and lay ministers in Mississippi prisons. *Rev Relig Res*. (2009) 51: 87-103.
12. Schuhmann C, Kujs E, Goossens A. "Purely for You": Inmates' Perceptions of Prison Visitation by Volunteers in the Netherlands. *Int J Offender Ther Comp Criminol*. (2018) 62:4545-64. doi: 10.1177/0306624X18764523
13. Kort-Butler LA, Malone SE. Citizen volunteers in prison: bringing the outside in, taking the inside out. *J Crime Justice*. (2014) 38:508-21. doi: 10.1080/0735648X.2014.969293
14. Kjelsberg E, Skoglund TH, Rustad AB. Attitudes towards prisoners, as reported by prison inmates, prison employees and college students. *BMC Public Health*. (2007) 7:71. doi: 10.1186/1471-2458-7-71
15. Brooker R, Hu W, Reath J, Abbott P. Medical student experiences in prison health services and social cognitive career choice: a qualitative study. *BMC Med Educ*. (2018) 18:9. doi: 10.1186/s12909-017-1109-7
16. Duncan HE, Balbar S. Evaluation of a visitation program at a Canadian penitentiary. *Prison J*. (2008) 88:300-27. doi: 10.1177/0032885508319210
17. Fernandes S. *Manual de apoio na gestão de voluntariado*. Porto: Federação Nacional de Associações Juvenis. (2016)
18. Vicente, P, Gonçalves, A, Alves, F, Pinheiro, H, Barbedo, M, Branco, R. *Gestão do Voluntariado em Meio Prisional* (2009). p. 243.
19. *Lei 71/98, de 3 de Novembro*. Diário da República. p. 5694-5696.
20. *Decreto-Lei 389/99, de 30 de Setembro*. Diário da Assembleia da República. p. 6694-6698.
21. Aproximar CdSS. *How did volunteering shape prison life in 2020?* 2020.
22. Braun V, Clarke V. *Successful Qualitative Research: A Practical Guide for Beginners*. London: Sage. (2013). p. 382.
23. Tewksbury R, Dabney D. Prison volunteers. *J Offender Rehabil*. (2004) 40:173-83. doi: 10.1300/J076v40n01_09
24. Clary EG, Snyder M, Ridge RD, Copeland J, Stukas AA, Haugen J, et al. Understanding and assessing the motivations of volunteers: a functional approach. *J Personal Soc Psychol*. (1998) 74:1516-30. doi: 10.1037/0022-3514.74.6.1516
25. Mears DP, Cochran JC, Siennick SE, Bales WD. Prison visitation and recidivism. *Just Quart*. (2011) 29:888-918. doi: 10.1080/07418825.2011.583932
26. Cochran JC. The ties that bind or the ties that break: examining the relationship between visitation and prisoner misconduct. *J Crim Justice*. (2012) 40:433-40. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2012.06.001

Conflict of Interest: The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

Publisher's Note: All claims expressed in this article are solely those of the authors and do not necessarily represent those of their affiliated organizations, or those of the publisher, the editors and the reviewers. Any product that may be evaluated in this article, or claim that may be made by its manufacturer, is not guaranteed or endorsed by the publisher.

Copyright © 2022 Salselas and Pinto da Costa. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (CC BY). The use, distribution or reproduction in other forums is permitted, provided the original author(s) and the copyright owner(s) are credited and that the original publication in this journal is cited, in accordance with accepted academic practice. No use, distribution or reproduction is permitted which does not comply with these terms.

Bibliografia

1. Serapioni, M., S. Ferreira, and T.M. Lima, *Voluntariado em Portugal: contextos, atores e práticas*. Fundação Eugénio de Almeida (FEA). 2013. 1-302.
2. Abreu, P., *Volunteering in Portugal: Facts and figures report*. 2008, Brussels: CEV.
3. Fonseca, C.D., *A História das Misericórdias*. 1995, Lisboa: Inquérito.
4. Amaro, R.R. and A.J. Quintela, *O voluntariado nos projectos de luta contra a pobreza*. 2002, Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários.
5. Catarino, A., *Voluntariado- uma leitura da experiência*. 2004. **19**(20): p. 9-15.
6. Editora, P.J.C.a., *Dicionário Infopédia da língua portuguesa*. 2019. **30**.
7. *Lei 71/98, de 3 de Novembro*. Diário da República. p. 5694-5696.
8. International Association for Volunteer Effort. *IAVE's Strategic Direction*. 2016; Available from: <https://www.iave.org/about-iave/strategic-direction/>.
9. Paré, S. and H.J.G. Wavroch, *Le bénévolat ethnoculturel auprès des aînés*. 2002. **24**(1): p. 11-14.
10. Marques, M.J.R., *As motivações para o voluntariado: Estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior politécnico*. 2016.
11. Hardill, I. and S. Baines, *Enterprising care?: Unpaid voluntary action in the 21st century*. 2011: Policy Press.
12. Volunteering, C.f.E. *About Centre for European Volunteering*. Available from: <https://www.europeanvolunteercentre.org/about-us>.
13. *Decreto-Lei 389/99, de 30 de Setembro*. Diário da Assembleia da República. p. 6694-6698.
14. CNPV. *Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado*. 1999; Available from: <https://www.cases.pt/voluntariado/>.
15. Dingle, A., et al., *Measuring volunteering: A practical toolkit*. 2001.
16. Jacinto, L.M.J., *EVOLUÇÃO DO VOLUNTARIADO EM PORTUGAL (2002-2020)*. Revista UI_IPSantarém - Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, 2020. **8**(2): p. 157-168.
17. Shutt, J.A., *The volunteer career: A descriptive study of what motivates people to volunteer with search and rescue units*. 2004, Baylor University.
18. Fernandes, S., *Manual de apoio na gestão de voluntariado*. 2016, Porto: Federação Nacional de Associações Juvenis.
19. Parboteeah, K.P., J.B. Cullen, and L.J.J.o.w.b. Lim, *Formal volunteering: A cross-national test*. 2004. **39**(4): p. 431-441.

20. Rotolo, T. and J. Wilson. *Work histories and voluntary association memberships*. in *Sociological Forum*. 2003. Springer.
21. Almeida, A., J. Ferrão, and A. Delicado, *Caracterização do Voluntariado Social em Portugal*. *Intervenção Social*, 2002: p. 127-140.
22. Warburton, J.J.V.A., *Volunteering in later life: Is it good for your health*. 2006. **8**(2): p. 3-15.
23. Age, U.J.A.U.L., *A summary of Age UK's Index of Wellbeing in Later Life*. 2017.
24. Filges, T., et al., *Voluntary work for the physical and mental health of older volunteers: A systematic review*. 2020. **16**(4): p. e1124.
25. WHO, *Global Health and Aging*. 2012.
26. Unibh, *Trabalho voluntário: o que deve saber para aproveitar ao máximo*. 2020.
27. Vicente, P., et al., *Gestão do Voluntariado em Meio Prisional*. 2009. 243.
28. Evs, *EVS - European Values Study 1999 - Integrierter Datensatz*. 2011, GESIS Datenarchiv, Köln. ZA3811 Datenfile Version 3.0.0, <https://doi.org/10.4232/1.10789>.
29. PROACT, *Estudo de Caracterização do Voluntariado em Portugal. Trabalho para o Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado; Unidade de Investigação e Apoio Técnico ao Desenvolvimento Local, À Valorização do Ambiente e à Luta contra a Exclusão Social*. 2012: p. 59.
30. Evs, *European Values Study 2008: Integrated Dataset (EVS 2008)*. 2016, GESIS Datenarchiv, Köln. ZA4800 Datenfile Version 4.0.0, <https://doi.org/10.4232/1.12458>.
31. INE, *Inquérito ao Trabalho Voluntário*. 2012.
32. INE, *Inquérito ao Trabalho Voluntário*. 2018.
33. Ramos, A. and P.C. Magalhães, *Os valores dos portugueses - Resultados do European Values Study*. 2021, Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa. p. 25.
34. NCVO. *Volunteer Managers as Creative Producers*. 2015, Novembro 5; Available from: <https://blogs.ncvo.org.uk/2015/11/05/volunteer-managers-as-creative-producers/>.
35. Aproximar, C.d.S.S. and V.B. Straffälligenbetreuung, *Prisons Managing Volunteers in Europe - an insight into prisons' perceptions, needs and current practices*. 2020. p. 59.
36. Chui, W.H. and K.K.-y. Cheng, *Effects of Volunteering Experiences and Motivations on Attitudes Toward Prisoners: Evidence from Hong Kong*. *Asian Journal of Criminology*, 2012. **8**(2): p. 103-114.
37. Schuhmann, C., E. Kuis, and A. Goossensen, *"Purely for You": Inmates' Perceptions of Prison Visitation by Volunteers in the Netherlands*. *Int J Offender Ther Comp Criminol*, 2018. **62**(14): p. 4545-4564.

38. Kort-Butler, L.A. and S.E. Malone, *Citizen volunteers in prison: bringing the outside in, taking the inside out*. Journal of Crime and Justice, 2014. **38**(4): p. 508-521.
39. Kjelsberg, E., T.H. Skoglund, and A.B. Rustad, *Attitudes towards prisoners, as reported by prison inmates, prison employees and college students*. BMC Public Health, 2007. **7**: p. 71.
40. Brooker, R., et al., *Medical student experiences in prison health services and social cognitive career choice: a qualitative study*. BMC Med Educ, 2018. **18**(1): p. 9.
41. Duncan, H.E. and S. Balbar, *Evaluation of a Visitation Program at a Canadian Penitentiary*. The Prison Journal, 2008. **88**(2): p. 300-327.
42. Cross, I.R. *Prison Programme - Community Based Health & First Aid*. Available from: <https://www.redcross.ie/programmes-and-services-in-ireland/prison-programme-community-based-health-first-aid/>.
43. Conrad, G. and K. Spoelstra, *Dutch Probation Service*. 2019: Volpris.eu.
44. Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. *Voluntariado em meio prisional*. 2019, Janeiro 21; Available from: <https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/Penas-e-medidas-privativas-de-liberdade/Atividades-desenvolvidas-em-contexto-prisional/Voluntariado-em-meio-prisional>.
45. Vicente, P., et al., *Gestão do Voluntariado em Meio Prisional*. 2009, Lisboa: IDBooks. 238.
46. APAC, P. *Associação de Voluntariado em Contexto Prisional*. 2018; Available from: <https://www.apac-portugal.pt>.
47. APAR. *Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso*. 2021; Available from: <http://apar.pt/>.
48. Mão, D.a. *Associação Dar a Mão - Associação para Ajuda à População Reclusa*. Available from: <https://www.daramao.pt/>.
49. Associação de Visitadores de Reclusos Foste Visitar-me. *Voluntariado em contexto prisional*. 2007; Available from: <https://www.fostevisitarme.pt/>.
50. Aproximar. *Aproximar Cooperativa de Solidariedade Social, CRL*. 2006; Available from: <https://www.aproximar.pt/>.
51. Aproximar. *Departamento Sistema de Justiça Criminal*. 2009; Available from: <https://www.aproximar.pt/departamento-sistema-justica-criminal.html>.
52. Cáritas Diocesana de Lisboa. *Voluntariado em contexto prisional*. 2019, Maio 23; Available from: <https://www.caritalisboa.pt/14/noticias-principais/voluntariado-em-contexto-prisional/>.
53. Lisboa, C.D.d., *Cáritas Diocesana de Lisboa - Missão*.
54. Confiar. *Confiar - Associação de Reinserção Social, Portugal*. Available from: <https://confiarportugal.pt/pt/missao/>.

55. CVP. Cruz Vermelha Portuguesa. Available from: <https://lisboa.cruzvermelha.pt/voluntariado-lisboa.html>.
56. *Da prisão à reintegração*, in *Correio de Coimbra*. 2020.
57. LPCS. *Liga Portuguesa Contra a Sida*. Available from: <http://ligacontrasida.org/>.
58. Rosário, M.D.d. *Missionárias Dominicanas do Rosário*. Available from: <https://missionariasdominicanas.org/missao/>.
59. O.V.A.R. *Obra Vicentina de Auxílio aos Reclusos*. Available from: <https://ovarpriso.es.wixsite.com/ovar>.
60. Lisboa, P.d. *Patriarcado de Lisboa*. Available from: <https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php>.
61. Matosinhos, C.M.d. V.E.M. - *O Projeto*. Available from: <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/voluntariado>.
62. SAPANA. *SAPANA.org - Making purpose sustainable*. Available from: <https://sapana.org/pt/sobre>.
63. Prisionais, D.-G.d.R.e.S. and M.d. Justiça, *Relatório de Atividades e Autoavaliações Atividades*. 2019.
64. Uggen, C., J. Manza, and A. Behrens, '*Less than the average citizen*': *Stigma, role transition and the civic reintegration of convicted felons*, in *After crime and punishment*. 2013, Willan. p. 279-311.
65. Depiere, V.C. and E.E. Hauser, *RESSOCIALIZAÇÃO X REINTEGRAÇÃO SOCIAL DO APENADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DA PENA PRIVATIVA DE LIBERDADE NO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO*. 2012.
66. Moran, D., *Prisoner reintegration and the stigma of prison time inscribed on the body*. *Punishment & Society*, 2012. **14**(5): p. 564-583.
67. Aproximar, C.d.S.S., *How did volunteering shape prison life in 2020?* 2020.
68. Braun, V. and V. Clarke, *Successful Qualitative Research: A Practical Guide for Beginners*. 2013, London: Sage. 382.
69. Tewksbury, R. and D. Dabney, *Prison Volunteers*. *Journal of Offender Rehabilitation*, 2004. **40**(1-2): p. 173-183.
70. Clary, E.G., et al., *Understanding and assessing the motivations of volunteers: A Functional Approach*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1998. **74**(6): p. 1516-1530.
71. Mears, D.P., et al., *Prison Visitation and Recidivism*. *Justice Quarterly*, 2011. **29**(6): p. 888-918.
72. Cochran, J.C., *The ties that bind or the ties that break: Examining the relationship between visitation and prisoner misconduct*. *Journal of Criminal Justice*, 2012. **40**(5): p. 433-440.

